O NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA EDADE.

E. Sears Sc. N.Y.

ENTERED ACCORDING TO ACT OF CONGRESS, IN THE YEAR 1870, BY J. C. RODRIGUES, IN THE OFFICE OF THE LIBRARIAN OF CONGRESS, AT WASHINGTON, D. C.

VOL. I.—No. 2.] NEW YORK, 23 DE NOVEMBRO DE 1870. [AVULSO, Mil rs. SEIS MEZES, Cinco mil rs.

O NATAL.

Quando este periodico fôr chegar aos leitores estarão elles em vesperas do Natal e talvez preparando-se para reunirem-se com seus affins e amigos para festejarem o dia em que Jesus Christo nasceu. Não ha festa do Christianismo tão doce ao nosso coração, como o Natal. A Paschoa, é verdade, e mais comprida e quanto ás solemnidades da Religião, mais pomposa. Da grande economia da salvação da humanidade a Paschoa, até, parece ser a phase principal. Mas a Paschoa falla-nos muito ao vivo do cruento sacrificio da Cruz, e posto que elle seja a nossa alegria e a nossa salvação, a sua lição é muito severa, e antes se refere a nossos temores pela justiça por nós quebrada, do que, como o Natal, á nossas esperanças pelo amôr gratuito do Senhor.

Estas poucas festas que nós solemnisamos são os marcos desta vida onde paramos um pouco e rememoramos um feito insigne, ou um acontecimento glorioso. Paremos nós tambem um pouco e, antes de irmos por tractando cousas deste mundo, consideremos alguns factos que accompanharam o nascimento do Salvador, ou antes consideremos o episodio que o lapis de Gustave Doré illustrou com a sua natural mestria, e que a nossa gravura representa nesta pagina.

Desde que a nossa naturesa humana quebrou-se no Eden de encontro ao escolho do mal, e que incorremos na justa condemnação deste mal, desde então a nossa especie recebeu e guardou a promessa—que o filho da mulher nos havia de resgatar do mal. Todos os antigos prophetas aventaram esta promessa na memoria do povo, que foi destinado a guardal-a em deposito; muitos delles fallaram abertamente da "estrella de Jacob." Entretanto o Creador, que tudo faz com peso, numero e medida, porque tudo nelle é Intelligencia e Razão, ao passo que guardava esta promessa no seio do seu povo, deixava toda a humanidade entregue a si mesma, obediente a seus instinctos e paixões, e seguindo, como religião, as maiores monstruosidades que ella podia achar nos recessos do seu coração corrupto. Philosophos, que ainda hoje são admirados e postos na fileira dos pensadores que subiram mais alto, iam aos templos e curvavam o seu joelho áquellas monstruosidades; as mulheres casadas deviam, ao menos uma vez na vida, sacrificarem-se a sua honra nos altares de Venus, em uma palavra, a religião era uma systhema mais ou menos organisado, das peiores paixões humanas.

No meio desta idolatria universal, muitos pensadores receberam um raio da luz da verdade: Socrates esboçou a ideia de virtude, de que Jesus depois foi a incarnação: Confucio e outros luminares presentiram que do Oriente havia de surgir um homem singularmente acima dos outros, e o philosopho chinez até veio ao oriente beber luzes e levou para o seu paiz uma religião reformada. Em toda a parte do orbe, reis, governadores, philosophos e poetas todos, no fim dos tempos, estavam como de suspenso; todos esperavam uma força de naturesa differente da das que trabalhavam no mundo, para o effeito de tirar a humanidade de um estado, cuja miseria e cujo desespero parecia estar impresso no sentimento universal, tão impresso, que historiadores como Tacito e Suetonio o notaram nos seus escriptos.

Não é que DEUS se comprazia ou se compraz ainda neste quebrantamento e desolação da humanidade. Porque Elle governa o mundo, e é omnipotente, não o podemos fazer responsavel por este estado. Elle deu-nos a intelligencia e a liberdade, e nunca nos ha de governar em sacrificio desses dons sublimes. Elle deixou o mundo entregue a si para convencer o mundo que o salvava pela graça, por um meio seu Delle, original, gratuito, livremente escolhido. De um lado os Judeus com a sua lei, e prophecias, e historia inteira deviam guardar a promessa da salvação para passal-a aos gentios e fazel-os, com elles, coherdeiros dellas. De outro lado, os gentios eram guardados na escuridade e fóra da alliança para, tambem no porvir, convencer aos Judeus que elles-mesmos tambem só eram do Senhor pela graça do Senhor, e não em virtude da excellencia da sua naturesa propria.

Cumpriram-se os tempos. Do mesmo lodo em que a humanidade estava immersa devia brotar a justiça e florescer o louvor do Senhor diante de todas as Gentes.

Emquanto os Judeus, já pervertidos e sem comprehenderem os tempos, esperavam o Salvador entre algum dos grandes da terra, que viesse livral-os, não tanto do jugo do peccado, mas do jugo dos Romanos e dos estrangeiros, no Oriente, alguns Magos ou Reis que tambem esperavam o grande acontecimento e cuja religião e sciencia lhes vinham da observação dos astros, que, criam elles, eram os protectores e mestres do homem,—esses Magos depararam de repente com uma estrella especial; e munidos de presentes preciosos, tomaram dos seus camellos e entregaram-se ao caminho, no meio das trevas e só guiados por aquella estrella que os accompanhava.

Onde os levou esta estrella? Ao palácio de algum dos grandes que os Judeus esperavam? Não: ao berço humillimo de uma cri-

O NATAL—OS REIS MAGOS E A ESTRELLA.

ança, enfaixada pobremente n'uma manjadoura em Bethlem de Judá. Foi ahi que nasceu aquelle que "nasceu Rei dos Judeus" e que devia ser o Conductor dos povos. Elle é que vinha cumprir a promessa antiga: vinha dar-nos o unico meio de Salvação. Elle é que vinha descobrir o segredo, guardado desde o principio, e dizer á humanidade inteira que ella tem no ceo um PAI. Era elle que por sua vida e por sua justiça e por sua resurreição, vinha abrir-nos o coração, não aos temores de Jupiter e de Saturno, mas ao amôr puro e sancto, de DEUS; era elle, em summa, que, divulgando-nos o novo nome de DEUS, vinha fazer de todas as gentes da terra, uma só gente do Senhor, vinculada entre si com o laço da fraternidade.

Sim. Precisamos parar, não só no Natal, mas sempre, e lembrarmo-nos do beneficio que nos conferiu Jesus Christo. Nós *temos de morrer* e não ha gozo nesta terra si não é temperado com as esperanças do futuro, pelo menos com a certeza que nos males daqui embaixo achamos sympathia no coração amplissimo do Amôr divino Nós não podemos calcar de todo a parte do nosso coração que aspira para o futuro. Da ideia que temos deste futuro depende muito o rumo da nossa vida e a energia dos esforços de que ella se compõe. Com este penhor de salvação, estamos de posse da nossa liberdade e com este grande ideial temos o principio a que subjeitamos todo o complexo da nossa existencia, e que a inspira, dirige e leva até ao logar que lhe está marcada, de verdade e justiça.

Solemnizemos, pois, o nascimento do menino-Salvador. O cyclo do anno traz-nos comsigo muitos cuidados e anxiedades: alliviemo-nos delles com o commemorar das scenas doces, romanticas, amorosas, do nascimento de Jesus, "o doce e humilde de coração." Tenhamos todos muito bôas festas.

O NOVO MUNDO
PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA EDADE.

NOVEMBRO, 23, 1870.

POLITICA INTERNA.

As ultimas eleições resultaram em grande maioria para o partido da situação. Isto quer dizer que o povo está contente com as economias de Grant. Entretanto não ha principio algum novo que tivesse triumphado nas urnas: o partido republicano continúa a ser o do paiz antes por causa das economias do seu Presidente, e por causa do seu passado e do espirito retrogrado do antagonista,—os democratas,—do que por algum programma claro e definido da sua politica.

A falta deste programma faz a muitos considerarem finda a missão do partido republicano, e nas ultimas eleições pode-se dizer que comeou-se a inscrever uma nova bandeira: viu-se uma secção republicana votar em democratas *free-traders*. Contra isto tem protestado a outra e maior secção do partido, que sustenta que a sua missão, longe de estar concluida, tem de combater o *espirito geral* dos democratas, e é um *systhema de politica*, de que a sua recente obra de emancipação não é sinão um dos élos.

O Presidente, que ambiciona uma re-eleição está debruçando-se muito para "os politicos" de Washington, de quem depende muito uma eleição. Quanto mais se entrega a elles, mais e mais longe fica o Presidente de reformar o modo e o pessoal do serviço administrativo, que se reconhece coma a primeira necessidade que a moral publica exige. A demissão de Mr. Cox, o Ministro do interior, diz se, foi um sacrificio propiciatorio que o General Grant fez áquelle terrivel poder, "os politicos." Este facto, porem, não fica ainda bem elucidado.

A FRANÇA E A PAZ.

A situação na Europa central é a mesma que era quando publicámos o nosso primeiro numero. Metz rendeu-se e a França esteve toda em excitação sobre os motivos que levaram o marechal Bazaine a render-se, e si alguma cousa parece certo do que se disse e se escreveu sobre isto é que o marechal rendeu-se porque não tinha outro remedio sinão fazel-o. Os Prussos que estavam em Metz vieram reforçar o sitio de Pariz, e a capital do Gozo prepara-se para uma grande irrupção do seu ambito de assedio, antes que seja completamente presa da Fome, que ja caminha bem perto della. Entretanto as negociações entre Mr. Thiers e Mr. de Bismarck para um armisticio falharam completamente e a razão disso é que o ministro vê a presa quasi em mãos e não crê que é mais tempo de largal-a.

Pela sua critica posição, de victimas, e representando o papel da liberdade nascente e opprimida, os Francezes teem achado muitos amigos, ainda entre os que a principio denunciaram-se altamente contra a aggressão insensata do seu chefe contra a Prussia, e a insistencia desta ultima em não querer fazer a paz com a França, depois de humilhada como está, tem confirmado esses amigos na persuasão intima do designio da Prussia de querer desnecessariamente augmentar esta humilhação.

A Prussia é accusada de não ouvir os melhores interesses da civilização, fazendo logo paz com o inimigo. Ella veio a campo, dizse, como aggredida; desde que, morto o aggressor, e desapparcida esta causa, ella continúa a fazer a guerra, ella assumiu o papel que Napoleão fôra obrigado a deixar.

A paz é realmente um estado de muitas bençams; é o unico em que se desenvolvem normalmente as forças da civilisação. Mas por isto mesmo que a ideia de paz é tão geralmente cultivada, não devemos conceder facilmente que um estadista da cathegoria de Bismarck e um povo illustrado como o Allemão não acceitariam uma paz immediata, si ella fosse ao menos possivel. Com effeito, estudando-se este ponto, vê-se, pelo menos, que elle não é tão facil comonol-o querem fazer crêr os defensores do lado francez.

Napoleão foi, com effeito, quem fez a guerra, mas Napoleão era a França,—era o mesmo que dias antes de começarem as hostilidades recebia uma maioria de seis milhões de votos sustentando a sua administração da causa publica. Quem aggrediu, pois, a Allemanha foi a França, com seus marechaes e seu exercito; com seus estadistas e seus votantes, foi a nação inteira. Depois da queda do chefe, porque o chefe não foi bem succedido, segue-se que a guerra mudou de aspecto? De duas uma, ou admittiremos que a França fez a guerra com o seu Imperador, ou então somos obrigados a admittir que os Francezes são um povo incapazes de se governar, sem moralidade politica, escravisados completamente á vontade absoluta daquelle Imperador; e entre um erro e uma vergonha, preferimos escolher o primeiro, por amor da França

Alem disto, a historia moderna e contemporanea mostra que a guerra foi feita com effeito pela França e não por Napoleão. Desde o tempo do antepenultimo Luiz, tem-se nutrido na França a ideia dos limites naturaes, isto é, desde então fez-se proposito firme de se avançar ao Rheno. Esta ideia tem sido sempre a pedra de toque da popularidade dos soberanos franccezes: aquelles que menos teem crido nella nunca foram no favor popular. Ao contrario, os que a teem alentado, teem lançado solida baze de popularidade no coração nacional.

Napoleão queria agradar o povo e foi por isso que quiz alargar a area da França. E' um engano suppor-se que elle é que fez a guerra: elle foi que dirigiu os acontecimentos que a trouxeram a final, mas em tudo isto elle só queria lisongear o appetite nacional.

Por ter ficado inutilisado o "homem de Sedan" não se segue, pois, que os Allemans tinham concluido a sua tarefa. Ella só o ficaria si se operasse uma mudança completa no sentimento francez, si os ex-subditos de Napoleão acceitassem a situação e escarmentados com a lição fossem procurar na cultura da paz e no melhoramento moral do povo os elementos da grandesa nacional, que tanto e tão justamente querem sustentar. Ora os Prussos e os Allemans sabem que essas mudanças não se fazem de um dia para outro e principalmente quando elles veem na historia que esta ideia de expansão até o Rehno é uma ideia que muitas gerações teem nutrido como *nacional*. Alem disto, *o facto* é que, bem longe de se mudar a ordem de cousas existente no tempo do Imperador, as primeiras palavras do novo governo foram simplesmente um endosso da politica imperial; o primeiro sentimento da republica foi uma vigorosa prosecução da guerra e a primeira proclamação de Mr. Gambetta era contra *os barbaros* que estavam pisando o solo francez. Bem podia Mr. Favre e bem poude agora Mr. Thiers fallar de paz e denunciar a Allemanha perante o mundo civilisado: ella não podia nem pode contractar paz com elles emquanto elles não acceitarem a sua parte no peccado napoleonico, emquanto e França não reconhecer que tem um *vencedor*, e que está *vencida*, e isto é justamente o que ella não quer fazer, no ponto que ella é um governo novo e liberal, que não tem nada que ver com os desmandos do ex-Imperador e não deve pagar por elles.

Mas poderá isto ser assim? Poder-se-ha admittir que quando um chefe aventureiro é feliz, o paiz que o segue é responsavel por tudo quando faz, a quando é infeliz, a responsabilidade só pertence ao chefe? Poder-se-ha admittir um principio que destroe a liberdade moral dos povos, e que os faz aventureiros como seus chefes, inimigos de toda a regra do justo e do honesto?

Nós temos muita pena de vermos a França tão afflicta como está, e insistir n'um ponto que está, ao que parece, irremediavelmente perdido; temos muita pena de vermos imminente a perda, talvez, de uma ou duas de suas provincias; mas sem queremos discutir aqui o acerto da politica alleman de fazer essa conquista, não estamos inclinados a pensar que os Prussos querem muito, querendo reincorporar aquelle territorio a seu imperio. Não queremos dizer que os Allemans devem fazer isto, – ao contrario, cremos que seus melhores interesses pediam a observancia das actuaes fronteiras, – mas não concedemos que uma nação seja mais sensivel á honra do que outra, e si a França no passado e na actualidade tem despojado outros povos de suas provincias, sem jámais ter em consideração a honra delles offendida, a França agora não tem o direito de fazer um capitulo de "honra offendida" da perda de parte do seu territorio.

Mas agora vem a grande questão: não seria melhor que Bismarck cedesse o seu direito de vencedor em favor dos interesses da paz?

Si se concede que elle tem *o direito* por si, elle é o unico competente para decidir desta concessão; e elle, apezar de bem orientado da popularidade que accompanharia para sempre o seu nome, si pudesse fazel-a, declara que não pode ceder do seu direito, no terreno de uma necessidade nacional. Que interesse tinha elle em recusar magnanimidade para com um vencido da ordem da França? Que interesse tem elle em querer humilhar uma nação poderosa, e de um espirito brilhante, como a sua visinha d'alem do Rheno?

E'escusado, pois, ir-mos adiante a discutir por que é que a Allemanha não quer ceder de todos os seus direitos vencedores. Podemos lastimar que haja uma necessidade que a obrigue a assumir o papel de menos magnanima; podemos desejar, como realmente desejáramos muito, que ella fosse mais magnanima a despeito de todas essas necessidades, que, temos fé, seriam remediadas de qualquar outra forma; mas, todavia, não podermos *exigir* della, não só no terreno do direito, mas ainda no da moral internacional, um rasgo de magnanimidade que ella diz não poder fazer.

A LAVOURA E O CREDITO.

Com o grande movimento de emancipação, que tem ultimamente havido no Brazil, tem-se notado uma parallela depressão no credito dos lavradores, e estes naturalmente clamam contra os que produzem aquelle movimento, os quaes, dizem elles, quasi nunca teem cousa alguma a perder. Tanto quanto isto é verdadeiro, não o sabemos: o que é certo é que si os lavradores clamam por seus interesses mais proximos, muitos, a mais sensata porção dos que propugnam pela emancipação a mais prompta possivel, não teem menos em mira não só esses mesmissimos interesses da sociedade brazileira, mas tambem, —o que é mais,—interesses muito mais altos. Uma ideia muito incorrecta a respeito dos advogados da mais prompta emancipação, é aquella que ordinariamente se tem feito e se faz ainda onde quer que se mantém a escravidão: o abolicionista é, em geral, o typo ou de um philosopho, velho, teimoso, sem haveres, sem contacto com os grandes interesses da epocha e que, ás portas do tumulo, tem horror pelo que elle suppõe um peccado; ou então, é o de algum mancebo, escaldado por ideias nobres, mas sem proposito algum practico, vendo muito no ceo, e nada na terra, amigo de declamar em favor do que elle suppõe o quebrado, opprimido, escravo.

De nossa parte protestamos que nós não pretendemos declamar impensadamente sobre a materia; não somos agitadores, nem propagandistas.—E como é que haviamos de sel-o, si estamos reçonhecendo que o Brazil, o nobre Brazil, não precisa de propaganda? De que nos vale procurar convencer a quem convencido já está, pelo menos no espirito geral do mal?

O nosso ponto, simplesmente, é fazer apressar a emancipação, é demonstrar que este passo, não é tão difficil como nos parece, é acalmar os temores dos que não parecem ter fé no SENHOR; e para sustentarmo-nos neste ponto, escoramo-nos justamente naquelles interesses, que tocam mais perto á sociedade brazileira, naquelles mesmos que geralmente se crê que menosprezamos.

E' realmente duro que a lavoura, ja tão enredada em difficuldades, veja agora definhando o seu credito. Mas que fazer-se? Esse definhar significa que os capitalistas não podem mais acceitar tão por barato a promessa do lavrador de pagar-lhe com o trabalho de outro homem, que elle mantém na escravidão: isto é duro realmente; mas não mostra isto o progresso da sociedade Brazileira, não dá fé de um novo espirito que está penetrando ali em todos e convencendo a todos que os dias da escravidão estão contados?

Emquanto houver esse espirito no mundo, a fé nos promessas do senhor de escravos ha de estar subjeita a fortes abalos, e a um estado de constante pavor.

E' impossivel furtarmo-nos a esta imposição da consciencia. O unico meio que ha de melhorar e de fazer bom o credito do lavrador é harmonisar-se aquella instituição com o espirito da edade, é promulgar-se uma lei, abolindo-a virtualmente e fazendo a fé do capitalista descansar antes na industria, nos recursos da intelligencia e da pericia do lavrador, do que no suor do trabalho bruto do negro.

O paiz não perde nada com estes abalos, ou antes só perde n'um sentido, e n'uma esphera que toca sómente á seus interesses da hora presente.

O credito do paiz onde ha a escravidão, ainda quando bom, é muito prejudicial a sociedade, talvez que o seja tanto mais, quanto é melhor

Primeiramente, pela sua naturesa e construcção intima o systhema de trabalho por escravos precisa de grandes capitaes. O lavrador livre de um paiz sem escravos aluga serviços de trabalhadores, e o capital de que pode dispôr, emprega-o em melhorar a sua propriedade ou em aperfeiçoar o systhema de cultura. No paiz onde se trabalha com escravos, as contrario, os capitaes disponiveis são applicados á compra de escravos, e o lavrador tem de pagar não só os serviços, (na forma de vestuario, comida e munutenção do escravo), mas ainda tem de pagar os juros desse grande capital parado em escravos. Dahi resulta que a propriedade não é melhorada, e que o systhema só pode viver dos resultados primeiros e espontaneos da naturesa, quasi virgem. Assim, o primeiro grande resultado da escravidão é que a industria agricola precisa de grandes capitaes. Mas inda isto não é tudo.

O systhema desse trabalho mata a toda a industria: ao passo que elle conserva n'uma inercia comparativa a milhares de donos de escravos que dependem delles, ao passo que conserva na ignorancia e na meia-morte da alma a milhões de escravos, –uns e outros fazendo uma parte muito consideravel da população do paiz, o systhema da escravidão balda a toda e qualquer concurrencia do lavrador em pequena escala, inocula-lhes preconceitos perniciosos sobre o trabalho, e tem sobre elles uma influencia vivamente deleteria. Ora sem habitos industriosos, um paiz não poder junctar capitaes. Assim o resultado da escravidão em seus aspectos economicos, é duplamente nocivo á sociedade:

1. Ella precisa de grandes capitaes, e,
2. Impede a creação de capitaes.

Daqui se seguem duas outras conclusões, a saber:

1. A industria, unica e imperfeita, dos paizes com escravos, absorve todos os capitaes do paiz.
2. Os capitaes do paiz, não sendo creados pela industria do grosso dos cidadãos, deve estar concentrado em mãos de uns poucos capitalistas.

Escasso capital e sua absorpção por uma agricultura atrazada e sem industria, vivendo só dos primeiros resultados da naturesa, é o mais que se tem podido alcançar com similhante systhema. Ve-se todos os dias no Brazil fazendas enormes com centenares de escravos e o fazendeiro todo carregado de dividas: isto representa perfeitamente o que deixamos esboçado: grande capital e muitos juros.

Ora um systhema, dizemos nós por fim, que absorve todos os capitaes do paiz, que impede a formação de novos, e que é pesado ao paiz e ao proprio lavrador, esse systhema não pode sinão esperar o que está soffrendo agora,—um grande abalo no seu credito.

O NOVO MINISTERIO.

Pelo cabo transatlantico foi-nos transmittida a noticia da retirada do ministerio Itaborahy e da formação do novo, presidido pelo Sr. Visconde de S. Vicente.

A retirada do ministerio Itaborahy foi a consequencia necessaria do desaccordo em que o ministro principal se achava com o paiz a respeito da grande questão da emancipação.

A guerra do Paraguay attrahiu naturalmente a attenção do mundo para as cousas do Paraguay e, não menos, para as do Imperio do Brazil, e entre outras armas de que sempre se serviam os criticos infensos do Imperio nenhuma socorrialhes tão bem, para dar rumo á opinião publica em favor da Republica, como a existencia da escravidão no meio delle. Ora isto naturalmente acordou os sentimentos da mais alta moralidade em todos os Brazileiros e começou-se então a notar um grande novimento de emancipação por todo o Imperio. Com effeito os Brazileiros sentiam que havia tal ou qual contradicção no quererem acabar com o systhema de escravidão de Lopez e de seus vassallos (o que era um dos propositos da guerra), e d'outro lado não tentarem, ao menos, acabar com a escravidão que existe entre elles mesmos.

Entretanto o ramo executivo do governo em vez de animar este sentimento e de desenvolvel-o até seus ultimos resultados, collocou-se em posição, não directamente offensiva, mas em uma em que ao mesmo tempo reconhecia a justiça desse sentimento e se furtava á necessitade de o alentar.

O Sr Visconde de Itaborahy estava convencido que se devia acabar com a escravidão, e, portanto, que ella é má; mas este passo, dizia elle, é muito grave e o ministerio não se achava com animo bastante para tomar a responsabilidade delle.

Posto que nunca lhe faltasse o apoio numerico das camaras, a verdade é que os temores e os excessivos escrupulos do visconde, por mais honrosos que lhe sejam, não o faziam o mais adequado chefe da politica que actualmente o joven e esperançoso Imperio quer seguir, e elle teve de ceder o logar ao Sr. Visconde de S. Vicente, que a opinião por muitos mezes apontava como o seu provavel successor.

O MINISTERIO E A EMANCIPAÇÃO.

No principio da ultima sessão legislativa do Brazil, o actual Ministro da Agricultura, então deputado, interpellando o governo sobre a sua posição a respeito da questão de emancipação, expôz com mais ou menos franquesa a sua opinião sobre este assumpto. Sendo esta a questão de mais interesse que hoje se ventila no Imperio e o nobre ex-deputado tendo sido chamado pelo Imperador para ministrar aos interesses da agricultura, do commercio e das obras publicas do paiz, o exame das suas opiniões sobre as materias que lhe estão incumbidas é da maior importancia.

O Sr. J. J. Teixeira, Jr., teceu a alludida interpellação desta fórma: elle admittiu, primeiro que tudo, *o facto* que uma grande revolução estava-se operando em todo o paiz e a origem deste movimento, disse elle, foi a imprudente promessa feita por um dos governos do Imperador. Aquella revolução estava indo por diante, e entretanto o paiz não estava preparado para supportar as suas consequencias: os fazendeiros viam diminuindo-se o valor da sua propriedade e, correspondentemente, o seu credito; e no meio desta crise o nobre deputado queria saber o que faria o governo de então.

Este arrazoado, esta visto, é o discorrer do representante de certos interesses especiaes, e esses interesses eram os dos plantadores, que mandaram á camara o ex-deputado, e que mandam a quasi todos os outros. Os interesses desses lavradores, é claro tambem, são interesses muito respeitaveis no Brazil, concederemos até que sejam os interesses mais respeitaveis do paiz. Mas o que negamos redondamente é que esses interesses devam ser tudo no Brazil,—sejam o padrão por onde devamos aferir de todos os mais interesses de um paiz novo, cheio de fé no futuro e que quer combater o bom combate da liberdade e da justica.

O nobre deputado reconheceu o facto de um grande novimento emancipador no paiz e protestou contra este movimento. Mas quem é que é juiz dos interesses do paiz sinão o mesmo paiz? Quem é que pode decidir quando é chegado o tempo de se operar uma reforma no paiz sinão o mesmo paiz? Precisará elle de um tutor que lhe instrua sobre o como e quando deve fazer uma charidade, e desempenhar o que elle considera um dever que a sua moral lhe ensina?

Todavia, os interesses do paiz sendo a conglomeração de todos os interesses, e o interpellante representando uma classe desses interesses muito respeitavel tinha o direito bem como o dever de pugnar pela attenção que merecem elles no seio da representação nacional. Assim representassem todos os deputados tão ao vivo as necessidades reaes dos seus constituintes! Sejam quaes forem, e tenham a sua baze onde tiverem, cada uma dellas é intitulada á consideração e juiso do paiz. Não queremos, pois, mal ao Sr. Teixeira, Jr., pela sua franquesa e candura.

Agora, porém, que o mesmo ex-deputado foi chamado para participar do ramo executivo do governo, entendemos que o papel que está desempenhando dá-lhe novas responsabilidades e que a opinião publica não lhe ha de relevar o que até agora pudéra até ter consentido nelle, como um inquestionavel direito seu delle. O Sr. J. J. Teixeira, Jr., está incumbido pelo Brazil de servir aos seus interesses, quanto á sua agricultura, commercio e aquellas fontes donde vem a riquesa material do paiz; e o que queremos que fique bem estabelecido desde o principio é que para servir a esses interesses, o ministro não tem de consultar com aquelles que outr'ora o mandaram á camara, sinão como um entre muitos: o ministro para servil-os, precisa consultar com o paiz mesmo,—note-se bem,—com o paiz inteiro, com o bem estar presente e futuro, da terra do Brazil, com todas as suas populações. O seu horizonte não está mais circumscripto a Magé e a Iguassú: é tambem no futuro e comprehende todos os problemas do dia de hoje.

E é necessario não esquecer onde está a grande pedra angular que nos faz ter governos, ministros, parlamentos; que nos faz discutir, trabalhar e sacrificar-nos; em summa, que constitue ou que deve constituir a vida: queremos fallar da lei moral, a qual nunca deve ser excluida de nossos calculos.

O ministro, pois, está n'uma posição dilemmatica: ou ha de gravitar para o pequeno ponto donde surgiu, e então ficará esquecido e morto debaixo da multidão dos que sobem á superficie da politica, ou ha de se elevar aos principios altos, que devem dominar esta politica, e dahi devassal-os todos e attendel-os a todos, e assim ganhar o respeito do seu paiz e a gratidão da civilização.

Qual destas duas direcções tomará elle?

A HESPANHA E O CHILI, O PERU, A BOLIVIA E O EQUADOR.

Em duas ou trez semanas reunir-se-ha em Washington um Congresso da Hespanha, e daquellas trez republicas, que, sob a presidencia do Secretario de estado dos Estados Unidos vão discutir as bazes em que se ha de restabelecer, entre aquelles governos, a paz que a Hespanha quebrou com o seu procedimento brutal para com elles, em 1865, e que, apezar de estarem suspensas as hostilidades desde 1867, não foi ainda concertada em fórma. Como os acontecimentos que crearam este estado já estão hoje muito obliterados na memoria dos leitores e para tirar bem a limpo o character mesquinho da politica hespanhola, vamos aqui compendiar as vasias phases da questão.

Quando os Estados Unidos estavam abarbando a sua grande revolução, a velha e matreira Hespanha e a ardilosa França, sempre anciosas por acharem outra vez na America um assento firme, donde estendessem a sua dominação pelas raças latinas do Novo Mundo, aproveitaram-se da situação dos negocios naquelles Estados e assentaram restabelecer ahi o seu antigo senhorio. Ao mesmo tempo que Napoleão invadia o Mexico, a Hespanha, por suas manhas, conseguia reincorporar a Republica de S. Domingos aos seus dominios.

Ambos estes actos naturalmente desafiaram não só as suspeitas, mas o pavor, das republicas do Pacifico, quanto ao designio da Hespanha sobre ellas. O Perú propôz logo ás mais republicas hispano-americanas a formação de uma alliança contra as tenções européas e o Presidente Castilla escreveu ao mesmo tempo a Juarez, offerecendo-lhe gente e dinheiro para resistir a essas tenções manifestas.

Ora as relações entre o Perú e a Hespanha eram de um character muito singular: esta jamais tinha reconhecido formalmente a independencia do primeiro, e aconteceu que nesse tempo, tendo umas reclamações que fazer em Lima, nomeou para lá não um "ministro" mas um "commissario extraordinario e especial da Rainha." O Perú, agitado nas suas mais justas susceptibilidades, recusou receber o representante hespanhol de outro modo que não confidencialmente. O commissario,—que se havia concertado préviamente com o commandante da esquadrilha hespanhola do Pacifico, retirou-se bruscamente da capital peruana e uniu-se á esquadrilha, anchorada então nas Chinchas. Isto se passava em Março ou Abril de 1864.

As Chinchas, sabe-se-o bem, são umas ilhas do Perú. O primeiro passo que o commissario deu ao abicar nellas foi, apadrinhado pelos seus vasos de guerra, intimar á pequena guarnição que se lhes rendesse. Como resistir? As Chinchas foram *restauradas*, como pretendeu o commissario, á Hespanha, e o lábaro de Castella mais uma vez fluctuava no Pacifico; sim, foram *restauradas* porque, como dissemos ha pouco, nunca jamais tivera a Hespanha reconhecido a independencia do Perú.

Esta republica não podendo chegar a um accordo com a Hespanha nas negociações que duraram o resto de 1864, no principio do anno seguinte a esquadra hespanhola entrou em Callao e o commandante apresentou um ultimatum ao governo de Lima:—ou reparações *pelas injurias* ou bombardeiamento daquelle porto. O governo viu-se compellido á conceder as primeiras: o corpo legislativo dissolveu-se de proposito para não assignar as negociações, e o Sr. Pezet, o então Presidente, teve de assignar um tractado provisorio, pelo qual a Hespanha recebia seis mil contos para as despezas da guerra e o Perú reconheceria a divida reclamada por ella, e o commissario por ella acreditado. Em meiados do anno, chegou com effeito o commissario, desta vez, já como "ministro e enviado extraordinario." Poucos mezes depois, antes de findar o anno, houve duas revoluções no Perú: Pezet foi succedido por Canseco, e este logo o foi pelo general Prado. O novo Presidente fez uma alliança com o Chili contra a Hespanha, as camaras peruanas não ratificaram o tractado Pezet, e as duas republicas declararam guerra á Hespanha, em Janeiro de 1866.

A desavença entre o Chili e a Hespanha foi, em geral, pelo pendor da politica desta ultima, vivamente resentido no Chili; mas, particularmente nasceu do facto de ter o Chili prohibido a seus officiaes publicos pela costa que, durante as hostilidades entre o Perú e a Hespanha, supprissem os Hespanha de carvão, e não só aos Hespanhóes mas tambem aos proprios Peruanos, ambos as quales aquella republica declarara como belligerantes.

Tudo isto era em 1864. Os dous governos gastaram todo este anno trocando notas diplomaticas e sem chegarem a accordo algum. Assim, porem, que o Perú quebrou as relações com a Hespanha, o Chili começou a ser fortemente perseguido por ella. A Hespanha apresentou-lhe uma serie de protestos, a saber: ter insultado a bandeira hespanhola, em certo dia; ter deplorado a occupação hespanhola das Chinchas em uma nota aos governos americanos; ter recusado carvão á sua esquadra; ter violado o direito internacional declarando o combustivel como contrabando de guerra; e ter consentido que a imprensa ercrevesse artigos infamantes contra ella. O ministro haspanhol na capital chilena concluira um accordo sobre tudo isto; e considerava-se a questão quasi solvida quando elle foi demittido e a esquadra largou-se de Callao e veio para Valparaiso, onde o Chili recebeu um ultimatum, que devia findar-se em quatro dias. O corpo diplomatico residente nesta bella cidade quiz obstar ao seu projectado bombardeiamento, mas debalde; Valparaiso foi declarado em estado de bloqueio e as camaras chilenas foram obrigadas a acceitar a guerra. Em seguida, Valparaiso, uma cidade inteiramente commercial e indefesa, foi brutalmente bombardeiada.

A Inglaterra e a França procuraram intervir, mas a Hespanha não as ouviu. Entretanto, o Congresso dos Estados Unidos resolveu offerecer os bons officios do seu governo para restabelecer a paz e auctorisou o poder executivo para propôr á Hespanha, ao Chili, ao Peru, á Bolivia e ao Equador, uma conferencia em Washington, presidida por um official da escolha do Presidente dos Estados Unidos, que sem auctoridade para compromettter-se em nome dos dictos Estados, dirigisse todos os esforços parafacilitar a declaração da paz entre os governos dos outros membros da conferencia.

A Hespanha tendo acceitado esta proposta, seguiu-se uma especie de armisticio entre ella e as republicas, e agora vai haver a conferencia alludida naquellas negociações.

O resultado desta conferencia, está visto, é a paz; não só as cousas mudaram na Hespanha, mas tambem os Estados Unidos já ha muito que domaram a sua "rebellião," e estão sarados. Não é, pois, nesta conjunctura que a Hespanha teria a loucura de querer ir bombardeiar outras Valparaisos.

Sentimos muito que o Brazil nunca se tivesse manifestado contra as insolitas pretenções da Hespanha na America do Sul, o Brazil que, por todos os motivos, devia representar nesse continente a causa da independencia americana contra esses maus appetites da philaucia hespanhola.

OS SURDOS-MUDOS.

Nos quatro annos passados o systhema de instrucção dos surdos-mudos tem passado, nestes Estados Unidos, por uma reforma completa. Os Brazileiros de certo não hão de ficar desattentos ao progresso que tem havido neste ramo da charidade e se hão de apressar a adoptar nos seus institutos os melhoramentos de que o nosso espaço acanhado só nos deixa dar um ligeiro esboço.

Foi em meiados do seculo passado que o abbade de l'Épée organisou primeiro um systhema regular de instrucção dos surdo-mudos, systhema que foi gradualmente melhorado por Sicard, Degerando e outros philanthropos, e que consiste nos signaes manuaes e artificiaes ainda hoje adoptados geralmente. Ao mesmo tempo em que o abbade introduziu o seu systhema, um allemão, Heinicke, começou a ensinar os surdo-mudos por outro systhema, o da linguagem artificial ou da articulação. Ambos os systhemas foram introduzidos geralmente pela Europa; mas o primeiro parece ter tido maior acceitação, ou porque, sendo mais facil, podia ser mais vulgarisado, ou por outros motivos. Nos Estados Unidos era elle o unico systhema seguido até, como dissemos, ha quatro annos, quando no Massachusetts se começou a agitar a questão de se o substituir pelo do articulação, ao menos em parte. As primeiras experiencias foram feitas naquelle estado, na villa de Northampton, onde um dos habitantes, Mr. Clarke, fundou uma instituição em que uma professora experimentada, Miss Rogers, devia inaugurar o novo systhema. Com os quinhentos contos que Mr. Clarke deu e com a paciencia e pericia de Miss Rogers, a instituição tem progredido com um successo tão satistactorio que hoje em dia o novo systhema está abraçado no instituto de New York, que é o maior do mundo inteiro, e nos principaes da União. Alguns institutos adoptaram-n'o exclusivamente, outros junctamente com o antigo; outros estão ainda fazendo experiencias. Ha quatro annos não havia em todo o paiz mais de meia duzia de discipulos segundo o methodo articulativo; em quatro annos mais o numero ha de exceder de mil. Já Northampton conta quarenta e tantos.

E' impossivel fallar exaggeradamente das vantagens do novo systhema: até aqui o ensino ministrado aos surdos-mudos era por meio de signaes da mão, hombro, etc.; ou por palavras escriptas: agora o meio da conversação dos surdos-mudos é pelos mesmos beiços, e posto que elles não possam ouvir, podem quasi usar a linguagem com a mesma proficiencia do commum de nós.

Este systhema ainda está na sua infancia neste paiz; mas os resultados que já se teem attingido enchem de esperanças aos mais zelosos dos philanthropos.

O systhema dos signaes, adoptado desde tanto tempo, tem chegado, está visto, a uma grande perfeição. Por este systhema é facil ao mestre imprimir no surdo-mudo a significação intima das palavras; e elle examina tambem facilmente si o discipulo comprehende ou não a linguagem escripta e accostuma-os a traduzir ideias por meio de um discurso alphabetico. Os signaes ficam sendo como que a lingua vernacula do surdo-mudo: este os comprehende ainda antes de poder formar ideias por si só. Em uma palavra, este systhema é excellente por desenvolver as faculdodes mentaes do surdo-mudo.

Tantas vantagens, todavia, não militam isoladamente em favor do systhema dos signaes: algumas desvantagens, e sérias, levam institutos, pelo menos, a não seguirem o primeiro exclusivamente, sem o novo systhema da articulação. A principal dessas objecções é que os discipulos communicam suas ideias por um methodo artificial, diverso das linguas modernas, e que a practica da linguagem escripta torna-se-lhes antes uma traducção de suas ideias, em vez de uma expressão espontanea dellas.

O systhema da articulação adopta-se particularmente a trez classes de discipulos; 1°., aquelles que não nasceram surdos-mudos, e que antigamente fallaram: esses facilmente aprendem a linguagem muda dos beiços; 2°., os que não são totalmente surdo-mudos e que todavia, não podem articular sons sem ensino prévio; e 3°., o limitado numero dos surdos mudos que são naturalmente intelligentes, vivos e cujos orgams são bem flexiveis.

Por todas estas vantagens e desvantagens, o systhema da articulação está sendo introduzido e ainda que não possa ser geralmente adoptado, e com exclusão, a charidade tem tudo a ganhar com a experiencia, e em todo o caso a Providencia se honra e se apraz com essas tentativas pelas quaes procuramos estender a alguns que se acham privados delle, o gozo dos dotes preciosos que Elle deu á especie humana.

O USO DO CAFE.

A honra de ter introduzido o café na Europa é disputada pelos Inglezes e pelos Francezes, e Mr. Israeli, pai do estadista inglez, vivo e do mesmo nome, dá-nos esta historia entre as suas Curiosidades Litterarias.

Um Italiano que viajava por Constantinopla, escreveu de lá, diz-se que em 1615, que quando voltasse a Roma, donde era filho, havia de ensinar á Europa a tomar o que elle chamava *Cahué*, ou, como se escreve no Arabico *Kauhi*. Como este viajante viveu até 1652, elle pode disputar aos Inglezes e Francezes a honra de ter primeiro introduzido o uso do café: mas esta questão fica para ser decidida por algum membro da "Arcadia."

De Le Grand, "Vie Privée des François" consta que o celebre Thevenot, em 1658, offereceu café depois do juntar: mas isto se considerou como um rasgo de viajante philosopho e exquisito: nem o café mesmo, nem a sua apparencia convidavam muito os hospedes.

Dez annos depois porém, um ministro turco em Pariz fez a bebida tornar-se muito da moda. A lindeza dos arranjos necessarios deu nos olhos de todos: o brilhantismo das taças em que se o offerecia, os guardanapos todos guarnecidos de franjas de ouro, e as escravas turcas que, de joelhos, serviam ás senhoras, que se assentavam ou no chão ou em almofadas, tudo isto desorientou as cabeças das senhoras parisienses. Tanto se fallou sobre a nova bebida que, quatra annos depois, um Armenio abriu um *café* em Pariz. Este homem vendia com o café, cerveja, vinho, etc., e no seu botequim não se ajunctava gente muito bôa. Um Florentino, Procopio de nome, escarmentado com o erro do outro, abriu outro café muito bem arranjado onde tambem vendia gelados e onde se reuniam homens de lettras, artistas e criticos. Diz Le Grand que este estabelecimento occupa um logar muito notavel na historia litteraria de então.

Foi tambem n'um café, o *Café du Laurent*, que Laurin, La Motte, Danlhet, Boindin Rousseau e outros se encontravam; mas não parece que os doces vapores do aromatica bebida tinham muito o effeito de abrandarem a acerbidade e adoçarem o sal de tantos rivaes; foi ahi mesmo que Rousseau inspirou-se para compôr uns versos afamados e satyricos de todos os bebedores de café,—o que causou a sua expulsão da roda.

Os Inglezes pretendem ter feito uso do café, ainda antes de Thevenot. Um Inglez, negociante na Turquia, diz a tradicção, trouxe, em 1652, uma criada grega, que sabia fazer café, abriu uma casa para vendel-o ao publico, na alameda de S. Miguel, Cornhill, Londres.

Por mais de vinte annos depois da introducção do café na Inglaterra houve muitos protestos contra o seu uso, quer para fins domesticos quer para os da medicina. Apezar disso, porém, o uso do café ficou logo geral, e as casas que o vendiam ficaram desde logo sendo o que muitas vezes são hoje, a saber, um covil de gente vadia ou curiosa. Foi nellas que nasceu o "club." A sua influencia nos costumes foi sempre muito grande. Na propria mãe patria do café, a Arabia, refere um escriptor de 1775, sab a auttoridade de um velho M.S., o governo francez vin-se obrigedo a mahdar fechar alguns café O mesmo aconteseu na Inglaterra, logo depois da sua introducção.

Em 1676 as mulheres fizeram uma grande petição contra o café: queixavam-se ellas que elle fazia "os homens tão estereis como os desertos donde viera a baga da planta; que as gerações dos antepassados haviam de se ir degenerando em mônos e pygmeus, e que, ás vezes, tendo sahido em serviço da casa, os maridos haviam de parar para tomar duas chicaras de café.

Foi no meio de todos esses prejuizos, e de uma lucta renhida de 20 annos contra o seu uso, que o café foi afinal definitivamente introduzido entre as classes abastadas. Nesse mesmo periodo muitos humanitarios até pugnaram bastante para generalisarem o uso do café entre as classes operarias, com o fito de apartal-as do vinho, e dos liquores espirituosos. N'uma obra intitulada "Organon Salutis" publicada em 1659, o auctor pondera que o uso do café havia concorrido muito para maior sobriedade do povo, e o café é tractado como uma bebida "despertante e civil."

O costume de beber café, todavia, não se conservou entre os operarias inglezes por muito tempo: ainda quando estava muito popular e barato começou-se a desencadeiar um grande prejuiso contra elle e em favor do chá, prejuiso que dura até hoje.

No continente, porem, o café ficou até agora popular: ali até se encontram pobres pedintes fazendo o seu café nas ruas.

O EDIFICIO DO PUBLIC LEDGER, PHILADELPHIA.

O EDIFICIO DO "PUBLIC LEDGER," PHILADELPHIA.

A soberba estructura de que apresentamos aqui a gravura é o edificio do *Public Ledger*, uma folha diaria, de Philadelphia, dirigida pelo seu proprietario MR. G. W. CHILDS.

As primeiras impressões que cada um recebe ao chegar a um paiz, está visto, variam com cada individuo: o que para este é sorprehendedor, é por aquell 'outro olhado com indifferença. Mas não ha estrangeiro algum de certa cultura que, ao chegar aos Estados Unidos, não fique pasmo de ver as palacianas mansões da sua imprensa periodica mais importante. Em New York, o *Times* (onde temos o nosso escriptorio) é um edificio de pedra, com trez faces, e cinco andares, e que mostra bem que a gazeta que ali se publica é tão imponente como o proprio edificio. Veem depois o palacio do *Herald*, menos solido, mas talvez mais elegante e mais rico; a *Tribune*, *World*, *Ledger*, *Daily News*, e *Clipper*, todas estructuras magestosas.

Em Philadelphia, a segunda cidade deste paiz, a principal folha diaria é o *Public Ledger*, e o seu estabelecimento um dos maiores do mundo inteiro.

Elle foi construido ha trez annos pelo seu actual proprietario, MR. GEO. W. CHILDS, um varão que conta apenas quarenta annos de edade, e que começou a sua vida como um menino pobre, caixeiro em um dos escriptorios daquella cidade. Por sua industria, perseverança e tino, MR. CHILDS, tem conseguido amontoar muitos haveres, e, o que é mais, um nome que é respeitado em todos os angulos do paiz, e que é mostrado á mocidade como o do modelo dos galardões que merece o trabalho honesto do cidadão. Tambem poucos aproveitam, tão bem como MR. CHILDS, os bens que a Providencia entregou ao seu usofructo. Todos os seus empregados o amam como a um pai; de tempos em tempos ouvimos dizer que MR. CHILDS, doou-os com algumas apolices de seguro de vida, ou com algum outro presente.

A circulação da sua folha orça, diz-se, por 75,000 exemplares pordia, e está sempre augmentando.

O periodico não é muito grade; mas a sua materia é admiravelmente bem condensada no seu espaço.

Alem de imprimir *Ledger*, e estabeleimento de Mr. CHILDS é o primeiro neste contimente como typographia de cartazes de phantasia, e em varias cores. Os prelos usados são os afamados de Mr. Hoe, de N. Y.

A GUERRA E A IMPRENSA.

Não ha periodico no mundo que tenha posto em campo mais dinheiro e trabalho para obter noticias da guerra actual, do que a *New York Tribune*. Desde o principio, quando a guerra era apenas provavel, o correspondente em chefe deste periodico, na Europa, despachou, para as principaes capitaes, correspondentes especiaes, e, rebentada a guerra, não só as capitaes, mas todos os pontos que eram ou iam ser attacados foram visitados por elles. Alem disso, a *Tribune*, com o *Times* de Londres, eram os unicos periodicos que tinham correspondentes no estado maior do proprio Rei da Prussia.

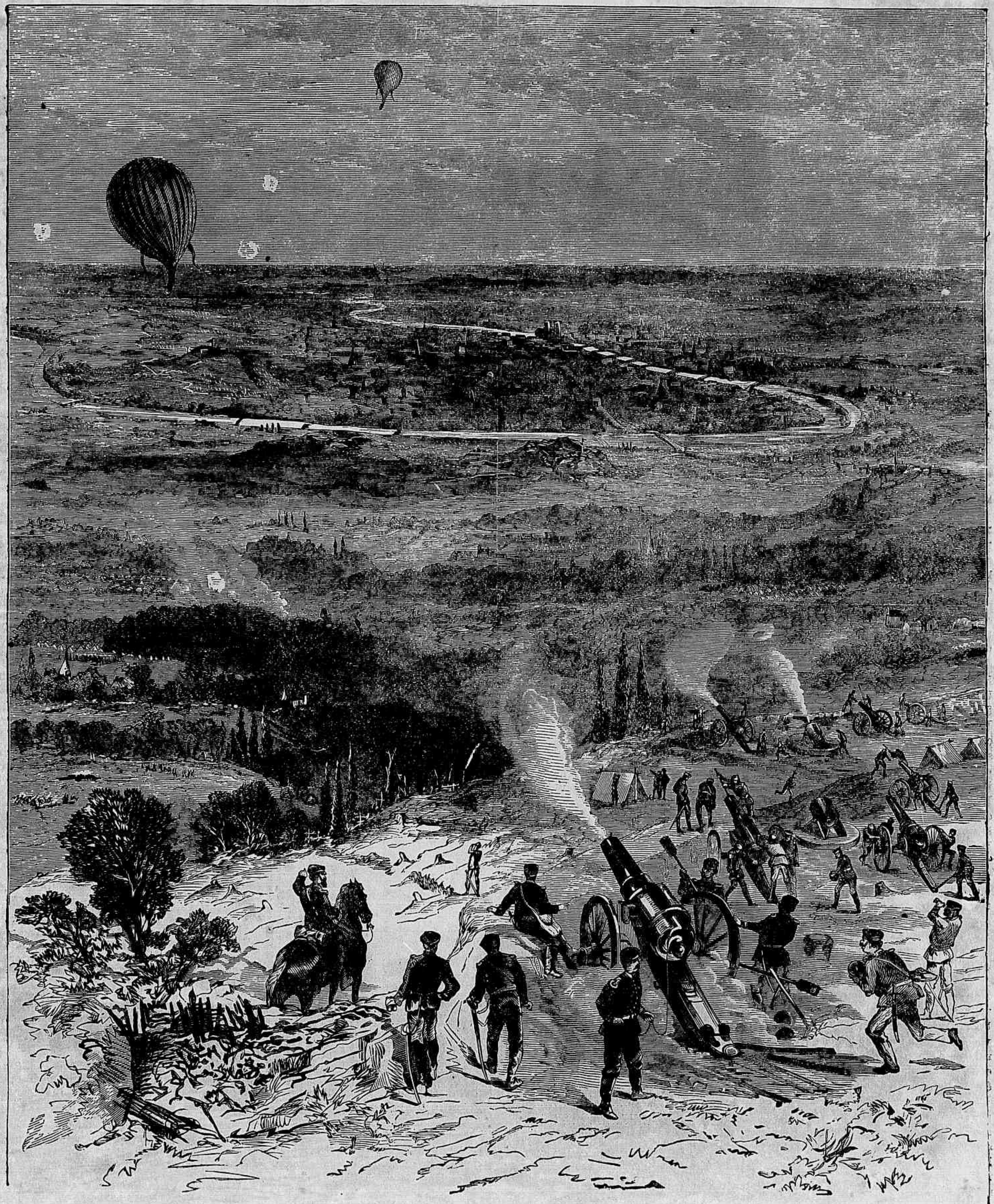
ESCARAMUÇAS DAS AVANÇADAS DOS PRUSSOS.

E' escusado dizer que as despezas da *Tribune* com esta sua sollicitude teem custado uma larga somma de dinheiro. Um só despacho, descrevendo a batalha de Gravellote, custou-lhe mais de sete contos de reis, e cinco contos é o que ella tem gasto por semana, com os seus despachos especiaes, alem do muito mais que gasta com a sua quota da Associação da Imprensa de New York. Apesar de toda esta industria e despezas, a *Tribune* dividiu no anno passado entre seus accionistas 2,200$ por acção, o seu preço nominal sendo apenas de 6,000$.

FAZENDO FOGO NOS BALÕES.

O balão tem representado um papel importantissimo na guerra actual. Quasi todos os dias é despachado de Pariz um posta-balão, cuja barquinha vai cheia de cartas, despachos, documentos de todo o genero, publicos e privados. Este sultimos, porém, só se admittem abertos para serem examinados por um agente do governo que quasi sempre vai no balão, e que ás vezes é o proprio contractador. Alem destas duas personagens, o balão ordinariamente carrega mais um patriota, com a missão de ir excitar ou acordar o povo das provincias em favor de causa nacional. Assim, o proprio Mr. Gambetta já tem condescendido viajar *par ballon monté*. Dizem de Pariz que mais de um milhão de cartas já teem sido despachadas por este meio desde o começo do sitio, o numero regular que cada balão leva sendo de oitenta mil. E' escusado dizer que essas aventuras são perigosissimas: os Prussos não poupam exforços para destruir quantos balões sosprehendem sobre seus campos, e a nossa gravura bem representa uma das suas frequentes tentativas para inutilisar a nova especie de via de communicação. Mas si ás vezes os tiros dos seus canhões teem conseguido o intento dos atiradores, quasi sempre o gaz e o vento mostram se como inimigos invenciveis para os Prussos.

A sciencia militar está jáestudando os meios de tirar todo o partido do uso dos balões. Segundo disse outro dia o *New York Times*, está-se cuidando na Inglaterra de inventar um meio mais perfeito de fazer-se o balão parar em uma altura desejada, de armar-se a bordo do balão uma camara e tirar-se a photographia de toda a região em redor, e, demais a mais, de se estabelecer communicação telegraphica entre um balão e um campo de batalha. Tudo isso já se tem feito, mas atégora, de um modo pouco satisfactorio. E'escusado dizer que importante não será a perfeição destes meios de guerra: duas ou trez photographias tiradas de uma altura conveniente e de pontos diversos, é o mais economico e melhor plano que pode haver de um campo. Essas tentativas, esse progresso todo mostra que os meios de guerra dos povos civilisados vão-se tornado cada dia mais scientificos e menos brutos. E'verdade que muitos que ouvirem fallar dos horrores que faz uma só *mitrailleuse* não hão de concordar promptamente que os meios de guerra são hoje menos horriveis do que os antigos: mas digam-nos esses, o que prefereriam: morrer a ferro frio, ao sabre, á espada, ou a pauladas, braço a braço com outra creatura humana, ou então morrer, ainda que feito em pedaços, por uma bala disparada a uma grande distancia, vinda inesperadamente e matando immediatamente? —Si uma cousa é certa, é que o mundo progride e que nós progredimos com elle.



ATIRANDO NOS BALOES.

AS ESCHOLAS BRAZILEIRAS.

Em o nosso numero primeiro tivemos occasião de discutir uma ideia a que o ex-ministro do Imperio, que acaba de demittir-se, deu um logar muito conspicuo no seu ultimo Relatorio á Assembléa Geral. Temos diante de nós este mesmo documento, e si agora, quanto áquella ideia, só temos de confirmarmo-nos na posição que tomámos a respeita della, quanto ao espirito e ao tom geral do documento, precisamos dizer aqui como foi que a sua leitura nos impressionou. Depois de exprimir isto, servir-nos-hemos, dos dados desta exposição official e apresentaremos um esboço da instrucção popular no Brazil, e depois de bem estabelecido o estado actual deste ramo do progresso, havemos de estudal-o por partes e em outros artigos.

O Relatorio do Sr. Paulino de Sorza é uma exposição simples, e sincera da educação popular no Brazil. Os factos que o ministro poude colher no meio das difficuldades com que lá se obteem dados estatisticos, esses factos são claros bastante para mostrar que temos muito que trabalhar em favor da escholа publica nacional, e o ex-ministro nos agrada principalmente porque se patenteia cheio de fé na luz da intelligencia, e porque sem rebuço e affoutamente louva-se na grande expressão ultima da civilisação moderna, o cultivo do espirito.

Apezar do nome do seu partido, parece que os *conservadores* do Brazil estão inteiramente de accordo com os mais *liberaes* sobre as primeiras necessidades do paiz, todos mostrando assim decidido patriotismo. Pelo menos emquanto ambos se empenharem no espalhar da instrucção publica, o paiz tem o penhor seguro de um progresso real, e ambos concedem o ponto sem o qual não ha civilisação possivel, e do qual depende inteiramente a existencia dos mesmos partidos.

E' verdade tambem que a Constituição do Brazil adoptou como principio do governo nacional a educação popular e que, pois, governo algum pode oppôr-se a seu desenvolvimento. Entretanto nem todos parecem comprehender o que é um principio de governo, estabelecido na lei fundamental e sobre que vergam todas as instituições, e não é muito de admirar que apparecesse um governo que fallasse mal do solo que produzira os proprios louros de que se adorna.

Devemos, pois, louvar com coração aberto a expressão que o progresso achou no relatorio alludido. N'um Imperio, n'um Imperio com a escravidão e com uma educação popular minguada, não é pouco vermos o partido, que mais communhão procura ter com o passado, confessar resolutamente que crê na educação popular. Uma grande parte dos Estados do Sul desta grande Republica não teem tanta fé, e, mais ainda, no proprio seio do Senado dos Estados Unidos ouviamos, em Fevereiro deste anno, o Senador Bayard, do Delaware, negando que a educação popular fosse tão excellente, como se cria geralmente. E' verdade que estas profissões são hoje eccentricas e que, em toda a parte do mundo ha sempre uns poucos que creem que ha classes que devem saber e ha outras que devem ficar ignorantes e ser governadas pelas primeiras. Esses homens, porém, não teem outro padrão de juizo sinão nos seus preconceitos e paixõesinhas da sociedade no meio da qual vivem: o Delaware, por exemplo, é o Estado mais atrazado da União, é um Estado do tamanho da metade do Sergipe, e que, ao par com muitas outras instituições da edade das trevas, mantém a do *whipping post*, que é um tronco onde certos delinquentes são fustigados publicamente e em pelle viva.

Como quer que seja, o facto é que no Brazil todos concordam que se deve fazer muito pela eschola. Começando pelo Imperador e indo até o mais humilde escravo, ha em todos um como espirito religioso pelo culto da cabeça e do coração humano. Todos estão convencidos que a elevação do character nacional, como um todo, depende inteiramente da educação popular, e o Relatorio, neste ponto, é o fiel transumpto do sentimento nacional.

Examinemos este Relatorio. Comecemos por aproveitarmo-nos dos dados que nos offerece, por combinal-os uns com outros e por apresentar o estado actual da instrucção publica na sua maior simplicidade e nudeza.

E' escusado procurar-se exactidão mathematica nos nossos algarismos e corollarios: para isto deviamos dispor de dados certos sobre o assumpto e no Brazil não ha estatisticas ainda, sinão como as deste Relatorio, incompletas, bem que approximadas, e devidas só ao zelo de um funccionario cuidadoso.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Frequenc'a:	Meninos..	75,098
	Meninas.....	30,000
	Não designados.....	1,586
		106,624

Distribruindo os não designados proporcionalmente pelos meninos e meninas temos o total de 76,220 para os primeiros e de 30,404 para de ultimas. Isto quer dizer que:

Quatro de nove discipulos dos escholas publicas e particulares de instrucção primaria são MENINAS.

Esses alumnos frequentaram 3,378 escholas, das quaes 2,264 foram para meninos e 1,114 para meninas, donde se segue que:

Um terço das escholas de instrucção primaria é para meninas, e dous terços para meninos.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA.

Frequencia:	Meninos.....	81,037
	Meninas.....	31,919
	Não designados... ..	821
	Somma.....	114,377

Distribuindo proporcionalmente os sem designação pelas duas casas anteriores, achamos 82,200 meninos e 32,177 meninas. Resulta daqui que ao passo que quatro nônos do total dos discipulos de instrucção *primaria* são do sexo feminino, como acabamos de ver,—

Só quatro de onze discipulos das escholas primarias E SECUNDARIAS, *são do sexo feminino.*

As escholas em que esta instrucção foi dada sendo em numero de 3,787, 2,560 para meninos e 1,227 para meninas,—

Menos de um terço das escholas primarias e secundarias são de meninas.

Discriminando agora instrucção secundaria da instrucção mixta, primaria e secundaria, vê-se que a frequencia das meninas ainda é mais escassa. Os algarismos são estes: sexo masculino, 6,600, e sexo feminino 1,153, as todo 7,753. De modo que:

As meninas que frequentam as nossas escholas publicas e particulares de instrucção secundaria constituem entre uma sexta e uma septima parte do total dos discipulos dessas escholas.

Resumindo esta parte chegamos a estas conclusões:

1ª De trez escholas primarias no Brazil, uma é de meninas e duas de meninos.

2ª De 3.08 escholas de instrucção primaria e secundaria, uma é de meninas, e 2.08 de meninos.

3ª A frequencia de meninas nas escholas primarias, comparada com a dos meninos, está na razão de 4 por 9; nas escholas primarias e secundarias, de 4 por 11; e nas escholas secundarias, de 4 por 26.

Passemos a outro estudo. Vejamos a proporção de escholas publicas e de discipulos, segundo a area em leguas quadradas, e a população do Brazil, e, depois, de cada Provincia em separado.

De ambos os calculos excluimos, por motivos que são obvios, o Municipio Neutro, ou da cidade do Rio de Janeiro; e a auctoridade para nossos algarismos da area e da população é o excellente *Atlas* de C. M. de Almeida.

O Imperio, excluido esse municipio, tem uma superficie de 290,080 leg. quad. e uma população de 10,580,000 habitantes. Sendo as escholas publicas e particulares primarias e secundarias em numero de 3,784, e os discipulos que as frequentam no de 114,377,—

Ha no Brazil um eschola primaria e secundaria em cada 76.33 leguas quadradas; e um discipulo em cada 2.50 leguas quadradas.

Ora o numero de habitantes em cada 2.50 leguas quadradas sendo noventa e dous (10,580,000: 290,086 X 2.50, em conta redonda) segue-se que:

Só ha no Brazil um menino frequentando eschola em cada 92 habitantes.

Tomando agora em separado a area de cada provincia e o numero das respectivas escholas, e alumnos, chegaremos a resultados muito curiosos.

Em cada 1,000 leguas quadradas de seus respectivos territorios as Provincias do Brazil teem o seguinte numero de escholas:

1. Sergipe.....	109
2. Rio de Janeiro.....	100
3. Ceará.....	60
4. Alagôas.....	53
5. Espirito Sancto.....	52
6. Pernambuco.....	40
7. S. Catharina.....	36
8. Parahyba.....	36
9. Rio Grande do Norte.....	29
10. S. Pedro do R. G. do Sul.....	26
11. S. Paulo.....	24
12. Minas Geraes.....	21
13. Bahia.....	20
14. Maranhão.....	9
15. Paraná.....	8
16. Piauhy.....	5
17. Goyaz.....	3
18. Pará.....	3

A Provincia do Amazonas só tem uma eschola em cada 2000 leguas quadradas, e a do Matto Grosso só tem uma em quatro mil.

E' preciso notar que neste quadro não comprehendemos sinão as *escholas publicas*, não tendo nós os dados necessarios para incluirmos tambem os estabelecimentos particulares de cada Provincia em separado, sabendo só do total do Brazil.

Comparando agora com a respectiva população o numero dos alumnos que em cada Provincia frequentam as escholas publicas e particulares de *instrucção primaria*, sómente, por não termos dados especiaes dos alumnos relativos da instrucção primaria e secundaria de cada Provincia,—acharemos que, *por Provincias*, a frequencia das escholas publicas varia entre 1 alumno em 45 habitantes e 1 alumno em 230 habitantes. Para não multiplicarmos os quadros, dividiremos a frequencia em seis graus, o primeiro comprehendendo as Provincias onde ella é na razão de um alumno para cada 60 habitantes ou menos; o segundo, de um para habitantes, entre 60 e 80; o terceiro entre 80 e 100; o quarto, entre 100 e 130; o quinto entre 130 e 170, e o sexto e ultimo entre 170 e 230.

Eis, pois, a ordem dos Provincias, em relação ou numero des seus meninos que vão ás escholas publicas:

1°. Rio Grande do Sul e Ceará.
2°. Alagôas, Pará, Sergipe e S. Catharina.
3°. Maranhão e Parahyba.
4°. Espirito Sancto, Pernambuco, Minas Geraes, S. Paulo, Amazonas e Paraná.
5°. Bahia, Matto Grosso, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro.
6°. Piauhy e Goyaz.

Examinemos agora quanto é que cada Provincia gasta com a sua instrucção popular gratuita. O que custa ella em todo o Imperio, o Relatorio do Ministro nos diz que foi 4$864 ou $2.43 por habitante, no anno passado.

Dos dados que este Relatorio nos dá sobre o orçamento das Provincias, vemos que:—

As Provincias do Brazil gastam entre uma quarta e uma undecima parte dos suas rendas, na manutenção de escholas publicas. Classificaremos as Provincias em sete graus, o primeiro sendo o das gastam tanto como a quarta parte da sua renda, na instrucção publica, e o ultimo sendo o das que menos gastam.

1°. *Uma quarta parte:* Ceará, Parahyba, Minas Geraes e Goyaz.
2°. *Uma quinta parte:* Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas, S. Catharina.
3°. *Uma sexta parte:* Espirito Sancto e S. Paulo.
4°. *Uma septima parte:* Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul.
5°. *Uma oitava parte:* Bahia.
6°. *Uma nôna parte:* Piauhy, Pernambuco e Sergipe.
7°. *Uma decima e uma undecima parte:* Rio de Janeiro, Paraná e Matto Grosso.

Agora apresentaremos uma taboa em que temos marcado o grau de cada Provincia em referencia é sua população, relativa á superficie que occupa: ao numero de suas escholas publicas e particulares de instrucção primaria; ao numero dos discipulos que as frequentam; ao numero de *meninas* que as frequentam; á proporção das despezas que fazem com ellas.

PROVINCIAS.	Popul. Absoluta.	Popul. rel. a Sup.	Num. de esch. m. ef.	Num. de Al. m. ef.	Num. de Alumnas.	Despezas que fazem.
Amazonas.....	19	19	19	13	18	11
Pará.....	9	18	18	4	11	12
Maranhão.....	7	14	14	7	10	5
Piauhy.....	13	15	16	19	17	15
Ceará.....	6	5	3	2	3	1
Rio Grande do Norte.....	14	6	9	17	15	6
Parahyba.....	10	7	8	8	14	2
Pernambuco.....	4	3	6	10	1	16
Alagoas.....	11	4	4	3	7	7
Sergipe.....	12	2	1	5	9	18
Bahia.....	2	10	13	15	6	14
Espirito Sancto.....	18	8	5	9	19	9
Rio de Janeiro.....	3	1	2	18	5	17
S. Paulo.....	5	11	11	12	4	10
Paraná.....	17	16	15	14	16	19
S. Catharina.....	16	9	7	6	12	8
S. Pedro do R. G. da Sul..	8	13	10	1	2	13
Minas Geraes.....	1	12	12	11	8	3
Goyaz.....	15	17	17	20	13	4
Matto Grosso.....	20	20	20	16	20	20

Destes dados que ficam agora á vista resaltam muitos corollarios: não temos hoje tempo nem espaço para consignal-os aqui. Somos obrigados a nos limitar ás seguintes considerações:

1°. Das nove Provincias que gastam um quinto e mais de sua receita com a sua educação, só uma, a de S. Catharina, fica ao Sul de Sergipe, e na costa.

2°. As duas Provincias que mais gastam são o Ceará e a Parahyba.

3o. O Rio de Janeiro, sendo a Provincia a mais populosa, tendo-se em vista a sua superficie, gasta menos do que todas as outras, excepto o Paraná e o Matto Grosso. Entretanto:—

4°. O Rio de Janeiro é, depois da de Sergipe, a Provincia que tem mais escholas.

5.°. Apezar de ser a que tem mais escholas, depois de uma, e de ser a em que está encravada a capital do Imperio, o Rio de Janeiro é a Provincia que, depois só do Piauhy e de Goyaz, manda MENOS meninos e meninas ás suas escholas; e Goyaz (que é a ultima na lista), sendo a quarta das que mais gastam com as escholas publicas, o Rio de Janeiro todavia, só está, neste ponto, em No. 17.

6°. O Rio Grande do Sul é a Provincia que mais meninos e meninas manda á eschola e é a segunda das que mandam-lhe mais meninas, e entretanto só está em No. 10, quanto ao numero das escholas e em No. 13 quanto á população relativa; e portanto é a Provincia do Brazil mais adiantada na educação popular.

Esta Provincia é tambem a que gasta menos, proporcionalmente ao numero de alumnos que mantém.

7°. O Ceará é a segunda em numero de alumnos e alumnas; mas tambem é a quinta em população, a terceira em numero de escholas, a terceira em numero de alumnas e, como vimos, a primeira na despeza com a educação popular.

8.° Parecendo á primeira vista que as Provincias onde estão os cursos superiores de estudos,—as faculdades de Direito, Medicina, e Mathematica,—deviam ser das que mais discipulos mandassem ás suas escholas publicas, acontece, todavia, que, apezar dessas faculdades, e, ainda mais, apezar dessas Provincias estarem todas ácima do No. 11 em população, nem-uma só dellas está ácima de No. 10 em numero de meninos e meninas que frequentam as suas escholas publicas.

9.° Goyaz, Maranhão e Minas Geraes, são, na sua ordem, as Provincias, que, proporcionalmente á sua população relativa, mais sacrificios fazem para espalharem a instrucção publica. Tendo ellas os Nos. 17, 14 e 12, a respeito da população, estão em Nos. 4, 3 e 5 em relação ao que gastam com as escholas, e, portanto, apezar de estaram em Nos. 17, 14 e 12, quanto á frequencia das dictas escholas, essas Provincias merecem louvor pelos exforços com que procuram remediar o mal.

Alem destas podem-se tirar muitas outras conclusões, que, repetimos, deixamos ao cuidado de cada leitor.

O paiz precisa que cada um delles se empenhe em aprofundar o seu conhecimento do estado da instrucção publica na sua provincia fazendo quanto puder para melhoral-a.

A commissão de instrucção publica do Estado de New York acaba de dar a lume o seu relatorio annual, comprehendendo o anno de 1869.

No anno passado havia neste Estado 11,748 escholas publicas (districtos) em 11,703 edificios, o que mostra um augmento de 127 sobre o anno precedente. Desde 1860 o povo deste Estado tem gasto só em edificios para escholas a somma de vinte e dous mil contos cento e noventa e quatro mil reis. O numero total dos professores é de 28,310 dos quaes 22,080 são professoras. O estado das escholas era geralmente muito prospero.

Pelo ultimo recenseamento tinha Pariz 2,150,900 almas, dos quaes 2,028,700 eram nascidos em França.

O custo das fortificações de Pariz sobe a duas terços do valor da cidade que defendem. Em 1841, o corpo legislativo decretou sessenta mil contos para as obras. Desde então tem-se gasto rios de dinheiro para augmental-as e reparal-as, no que se hão empregado milhares de operarios. Seis mil canhões d'artilheria acham logar nestas fortificações. Assim seja tudo isso de proveito para os sitiados!

A importação nos Estados Unidos da productos da America central e do Sul no anno findo a 30 de Junho de 1869, foi de 250 mil contos, e a exportação para lá foi de de 36 mil contos. A Inglaterra importou 86 mil contos e exportou 80 mil contos.

Os meninos das nossas escholas brazileiras, e em geral os homens de negocio de varejo hão de achar muito uteis as pequenas typographias de Adams, que annunciamos em outro logar. Affiançamos que ellas são completas em todos os respeitos, e com as direcções impressas que as accompanham, qualquer rapaz pode aprender os officios de compositor e impressor.

O PODER TEMPORAL.

Assim como as forças manifestas da naturesa nos tomam muito mais a attenção e nos abstrahem á consideração de outras forças mais extensas, mas occultas, assim tambem no mundo moral nós nos enleiamos mais nos phenomenos mais brilhantes, mais estrondosos, do que em muitos que e mais modestos, nos seus effeitos sobre nossos sentidos, primeiras percepções, são, todavia, de um alcance maior, abrangendo uma esphera em que se movem não só uma ordem de interesses, mas o complexo desses interesses humanos, que constituem aquelle mundo inteiro.

A guerra franco-germanica apresenta-nos uma lucta de dous gigantes, gigantes vivos, que nós conhecemos, em que temos tido sempe um interesse vivo; que estão alliados mais ou menos á historia do nosso coração. Ella nos mostra em campo a Chassepot, a metralhadora, a tactica dos grandes militares do dia; a queda de uma potencia militar com um prestigio de armas sem rival no mundo moderno; a queda de um monarcha que, durante dezoito annos, teve a paz e a guerra da Europa na sua mão; e tudo isto nós vemos operando-se n'um apse. Foi n'um apse que toda a gloria da França esvaiu-se e que vimos surgir do Rheno, como por encanto, o rutilante astro da Allemanha. E' natural, pois, que nossa attenção esteja toda absorvida na contemplação das grandes peripecias do centro da Europa.

Entretanto, ali no sul della e naquella pequena cidade, que outr'ora trazia todo o mundo conhecido preso á sua obediencia, ali passa-se uma revolução que é muito mais importante em seus resultados, do que tudo o mais que se passa no resto da Europa. Ali occorre tambem a queda de um reino e de um rei; ali tambem cahiu uma potencia que não só era considerada de grande prestigio, mas até uma que muitos consideravam de um prestigio acima das contigencias humanas; ali tambem foram maneadas as armas da civilização mais aperfeiçoadas, ali, finalmente estava um poder, uma cousa tangivel que estava entretecido no coração de milhares com a fé religiosa, com aquillo que está mais no fundo do coração humano.

E' que como dissemos, a queda do Rei-Papa foi ingloria; e não foi uma queda totalmente inesperada. A queda da França, e de Napoleão, pelo contrario, tem sido cheia de phases e de episodios estrondosos e dramaticos.

Pretendemos dar aqui uma ligeira ideia deste grande acontecimento e examinar os resultados que hão de deffluir-se delle para o progresso da edade.

I.

Os direitos mais inveterados das casas reaes do mundo são como que um brinco, tendo-se em vista os titulos de antiguidade do dominio "temporal" do Papa. Sem passarmos dos limites da historia, elles assentam em factos occorridos no meiado do seculo oitavo; e, passando dessa provincia, si consentimos em sermos guiados pela tradicção, e pela auctoridade muito disputada de uma collecção de *decretaes*, o reino temporal do Papa começa logo depois de Jesus Christo. Neste ultimo caso, mostrar-se-nos-ha Constantino sahindo de Roma e indo fundar a capital do Oriente, para deixar ao Papa a supremacia, espiritual e temporal, do Occidente, incluindo a Gallia, a Hespanha e a Italia. Com a luz da historia, o primeiro Papa que vemos investido de poder temporal é o que coroou a Pepino. Quando este Rei salvou o exarchado de Ravenna, que o Imperador do Occidente não pudera contestar aos Lombardos, elle deu-o de presente ao Papa. Morto Pepino, e outro Papa achando-se mettido em complicações, Carlos Magno, filho e successor daquelle Rei, foi pessoalmente livral-o delles, e o Papa, cheio de gratidão, coroou a Carlos Magno como Imperador dos Romanos. Este favor devia ser pago e o Imperador retribuiu-o fazendo do Papa um Principe da terra, ou antes, reconhecendo-o formal e solemnemente como tal. A' doação de Pepino, o filho agora accrescentava Perugia e Spoleto.

Não precisamos lembrar aqui como foi que o poder temporal foi tomando proporções maiores; basta dizer que elle foi-se formando aos poucos: Henrique 3º., da Allemanha, deu-lhe Benevento; Mathilda, da Toscana, alargou-o com Viterbo e Civita Vecchia e outros Principes o foram enriquecendo pouco a a pouco com a Romania, Bolonha, Roma, Sabina e outros districtos, até que, ha apenas alguns annos, os Estados da Egreja cobriam uma superficie de 6000 leguas quadradas.

Napoleão incorporou esses estados ao Reino da Italia e baniu em Pariz o então Papa. Com a sua queda, o Congresso de Vienna restituiu-lhe os estados pontificios, que os Papas guardaram até 1859, quando já tinham uma população de cerca de trez milhões, isto é, era um reino, secundario, mas bem importante na Europa.

Nesse anno o rei da Sardenha e o seu ministro Cavour sahem a campo e tentam realizar a muito esperada e querida unidade italiana: então os estados pontificios foram reduzidos, e, em vez de trez milhões, em 1860 o Papa só tinha setecentos mil subditos; e ainda esses subditos; a Italia deixou-lhe porque não poude vencer então os preconceitos do poder temporal e logo depois a França interveio para garantir a independencia desse poder. Com a queda de Napoleão "o filho primogenito da Egreja," Victor Emmanuel vê-se levado á Roma por uma corrente impetuosa do sentimento nacional. Cahiu o poder temporal! O povo de Roma por grande maioria declara que quer ser unido á Italia. Hoje tudo o que resta ao Papa de sombra de dominio temporal é a pequena parte de Roma chamada "a cidade leonina," á direita do Tibre e abrangendo o Vaticano, S. Pedro e o castello de S. Angelo.

II.

Houve uma epocha em que a côrte de Roma era o centro das luzes e da civilisação; ao par com este lustre, houve outras epochas em que a Sé Romana foi assento dos escandalos, e da vergonha. O Rei de Roma, pois, passou por todas as circumstancias e crises communs aos reis da terra. Neste ponto, a sua queda agora não seria um caso muito extraordinario. A entrada, porém, dos Italianos em Roma, no mez passado, parece ter marcado para sempre o fim do poder temporal; apezar dos protestos que muito naturalmente oppõe o Papa ao despojo que se lhe faz, e apezar das energias extraordinarias que sempre põem em campo os propugnadores dos interesses temporaes da Egreja catholica de Roma, parece, e, ao menos é muito de desejar que o poder temporal só existirá agora no passado, como um grande monumento, fertil de toda a casta de lições. O poder temporal nasceu do poder espiritual. O seu primeiro nucleo, se fez e a sua expansão se operou pela subjeição dos Principes doadores áquella auctoridade religiosa. Nem Constantino, mem os Merovingios, nem Principe algum, doaria ao bispo de Roma territorio algum si elle confessasse que o seu reino era deste mundo, e que elle, alem de ser um soberano como os outros, tinha de mais sobre alles a supremacia espiritual.

O que a Biblia diz que "até os sabios são pervertidos com presentes" e que "o que dá um presente, recebe honra e gloria, mas rouba a alma ao que recebe o presente," quadra-se perfeitamente com o caso das temporalidades que recebeu o chefe da Egreja. A ambição e as outras paixões "temporaes" assentaram-se na cadeira pontificia; o poder espiritual ficou enfraquecido na razão directa do augmento do outro; o Papa conseguiu estabelecer um governo theologico, que é a peior fórma possivel de absolutismo. Entretanto a edade caminhava seu caminho: o coração da humanidade abre-se a novas ideias e revelações, toma ou experimenta novos caminhos, e vai sempre cumprindo a sua grande vocação do progresso.

O papa que a principio animava esse progresso, depois, põe-se em antagonismo com elle. Em vez de sanccionar, de sanctificar os exforços do erpirito humano em demanda da verdade, não pode toleral-os. Começa então uma lucta sem treguas entre o espirito de progresso e o chefe da egreja romana. Aquelle discipulo ou representante do Mestre que ensinou-nos o progresso torna-se então o inimigo figadal dessa marcha: não é mais um poder espiritual que tira seus fóros da puresa da sua moral que por ella exerce sua influencia nos negocios do mundo;—é um despota, um tyrannete, como os outros regulos da Italia, que opprime os povos e que só os defende (como com a Polonia) quando os seus inimigos são schismaticos.

O rei temporal que não poude governar por amor e por convicção, impoz-se e tornou-se despota; da mesma forma o rei espiritual, que, nesta edade de liberdade, não podia governar pela discussão e pela convicção, impôz-se a seus subditos espirituaes, e fez um grande concilio de prelados de toda a parte do mundo, não para se tractar nelle dos meios de fazer do Christianismo uma verdade mais viva na terra, não para se curar dos interesses, e da felicidade das almas humanas, e de suas multiplas dôres, mas para fazer-se a si mesmo infallivel! Justamente quando o Papa "fallando *ex-cathedra* como o Pastor e o Doctor dos Christãos . . . em virtude da sua suprema auctoridade apostolica," definia que o poder temporal era necessario, no plano divino, para o completo exercicio da sua auctoridade espiritual, e justamente quando o concilio o declara infallivel, foi que cahiu o mesmo poder temporal do Papa! Houve jámais na historia outro exemplo como este de pretenções tão altas seguidas de um resultado tão estrondosamente humilhador?

III.

E' impossivel fechar os olhos para a calamidade que occorreu aos chefes da Egreja catholica com a queda do poder temporal. Como já dissemos, este desastre não é simplesmente o fim de uma velha monarchia, mas está intimamente alliado com a crença de uma grande parte dos membros da maior egreja christan, que ha na terra.

E' verdade que uma parte muito consideravel dessa egreja se regozija com um melhor futuro para a religião, que elle lhes abre, mas a parte dominante da Egreja catholica não occulta a sua opinião sobre a magnitude delle. Com effeito, quando nós, os leigos, fallavamos das vaidades humanas, da inconstancia dos governos, e da sua baze incerta na areia das nossas paixões, os padres catholicos nos apontavam para Roma: "vêde ali," diziam-nos, "o governo assentado sobre a pedra, contra o qual veem debalde se embater as ondas furiosas das paixões das edades," e, ninguem nagal-o-ha, este appello tinha a força de um argumento muito serio e convincente no animo de milhares de crentes, para quem a subsistencia do governo papal no meio das revoluções trazia estampada certo designio da Providencia. Agora a queda do poder temporal mostra que tudo é vaidade, inclusive o poder temporal do Papa; rouba aos chefes da Egreja do privilegio de sustentarem a sua crença com o governo visivel e providencial do mundo e, por conseguinte, rouba-lhes a melhor e grande prova que elles tinham para sustentarem a necessidade do poder temporal "o qual é necessario para o completo desempenho da auctoridade espiritual" do Papa, segundo este o declarou *ex-cathedra*.

Mas não é só esta prova historica que elles perdem. A provas *visuaes*, *externas*, ninguem pode negal-o, teem uma influencia enorme na Egreja catholica. Até agora Roma, a antiga senhora do mundo, e a capital do paganismo, com todas as suas reliquias das sciencias, da litteratura e das artes, estava exclusivamente nas mãos do Papa: ella era, até certo ponto, uma grande capital cosmopolitana da Egreja catholica: Sua Sanctidade e seu governo eram ali tudo, e de tudo isso vinha um certo laço mysterioso que prendia os fieis ainda mais á sua egreja. Agora Roma é uma cidade do reino da Italia, talvez seja breve a séde da sua administração; agora o Papa não é mais Rei; é uma alta dignidade religiosa, mais alta do que o arcebispo primaz de cada paiz catholico, mas como elle, subjeito a certas leis da sociedade no meio da qual vivem, e sem poder escapar-se a sua influeneia.

O Papa e os mais zelosos defensores do seu dominio temporal bem podem esperar que breve resurjam os Estados Pontificios, com o seu governo despotico e absolutamente irresponsavel. Elles não querem enxergar que não ha governo sem governados e que na Italia não ha quem queira subjeitar-se outra vez ao systhema da edade media sob que o Papa trazia os seus subditos; e o voto de Roma, tomado ultimamente, bem mostra o sentimento dos Italianos sobre isto. O poder temporal parece, pois, estar irremediavelmente perdido.

IV.

O grande mal que soffreu a egreja strictamente catholica romana, é patente do que deixamos expendido. Mas, si examinarmos a queda co poder temporal á luz dos interesses geraes do christianismo, como um unico o grande corpo, isto é, tirando a questão de Roma e applicando-a ao mundo inteiro, é visivel que este desastre vai marcar uma era notabillissima de progresso. Não ha quem tenha lido os Evangelhos uma só vez, e se tenha penetrado do espirito da missão que Jesus Christo desempenhou nesta terra e cujo desempenho tambem confiou a seus discipulos, que, pelo menos, não tenha duvidas muito serias quando tracta de harmonisar com aquelle espirito a instituição de Sé romana, tal qual era antes da queda do poder temporal. Jesus Christo declarou varias vezes e de varios modos que o seu reino, o da verdade, que não era deste mundo; quando o povo o queria fazer rei, elle protestou contra isto. Elle era rei, sim, mas rei do reino espiritual e puro da verdade, aquelle reino de que nós somos subditos pela fé, e pelo amôr; pela convicção e pela charidade,—"os unicos laços"—(ja declarava-o o Velho Testamento) —"com que se prendem os filhos dos homens." Quando Jesus Christo não foi recebido em uma cidade e seus discipulos quizeram queimal-a com o fogo de ceo, elle reprehendeu-os e ensinou-lhes que tal não era o espirito da vocação christan. Sendo o rei espiritual, nunca se viu, todavia, que Jesus Christo impuzesse seu ensino nos homens; ao contrario, o seu respeito pela lei divina, e, ao mesmo tempo, pela liberdade humana, é que o fez rei da nossa liberdade, é que lhe deu aquella auctoridade que o povo não via nos seus scribas e phariseus, que atavam na consciencia dos fieis cargas que elles mesmos não tocavam com o dedo: foi esse seu respeito pelo maior dom da nossa naturesa que conquistou-lhe o mundo inteiro.

E o que se via em Roma?—Um Rei, como os reis da terra, como os peiores reis da terra; em vez de governar os homens com o espirito, com a persuasão, com a benevolencia, e de exercer sobre os negocios do mundo uma influencia saudavel, o chefe da Egreja catholica faz guerra aberta á liberdade do mundo; em vez de respeitar a consciencia humana, e não exercer sobre ella sinão uma influencia de amor e veneração, elle impõe-se sobre ella. Agora os discipulos de Jesus não são mais reprehendidos por quererem fazer baixar o fogo do céo sobre os que não os seguem: agora o mesmo Papa, como um Jupiter Tonante, tem as mãos cheias de excommunhões ou anathemas contra todos o que não seguem a sua doctrina estricta, cegamente.

O desastre, pois, que acaba de occorrer e que chama para mais dentro de si o chefe da Egreja Catholica romana, vai redundar em bem. Elle quer dizer os laços entre a Egreja e o Estado estão quebrados e que agora vai se ver uma egreja livre n'um estado livre,—uma egreja não desta ou daquella seita, mas de todos os christãos, de todas as consciencies. O que a Egreja catholica perde daquellas provas temporaes e visuaes, vai ganhar no dominio espiritual, isto é, na sua propria esphera.

Entretanto não é possivel ganho algum para o mundo, neste mesmo dominio, emquanto durar tambem a auctoridade inrallivel do Papa. Ella precisa cahir, morrer; e então resurgirá a era gloriosa, a mais gloriosa, da Egreja catholica romana.

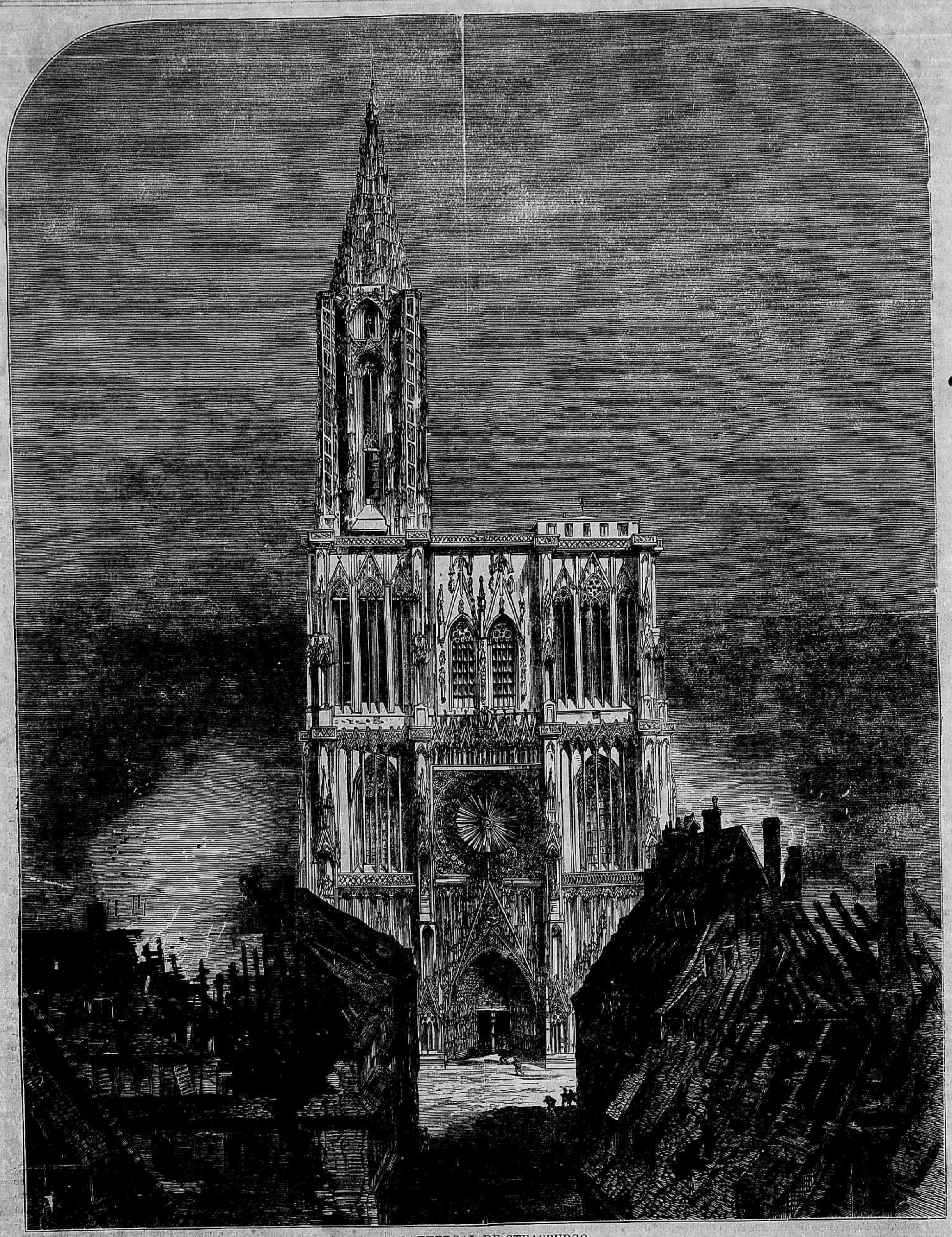
Quanto ao concilio ter decidido ainda agora que o Papa é infallivel, isto não impede que outro se reuna e promulgue o dogma—que todos nós somos subjeitos ao erro, sem excepção alguma. Temos visto na historia papas excommungando a papas. Não é difficil, pois, que outro concilio revogue o decreto do que acaba de haver em Roma.

A CATHEDRAL DE STRASBURGO.

Correspondentes do imprensa que visitaram a gloriosa Strasburgo logo depois de se ter rendido aos Allemans fazem tocantes descripções do estado em que se achava a velha cidade. A bibliotheca, o relogio astronomico e a cathedral inteira attrahiram mais attenção, do que tudo o mais. Felizmente estas trez reliquias preciosas de Strasburgo escaparam á destruição do ferro e aço das metralhas e bombas dos sitiantes. Entretanto é admiravel como a grande cathedral poude escapar.

Os Allemans antes de tudo dirigiram o fogo contra os edificios publicos, e depois contra as residencias dos cidadãos. Alem de muitas mortes, calcula-se que duzentas e cincoenta casas foram completamente destruidas pelo fogo.

O resultado deste methodo que os Allemans adoptaram é que os cidadãos, em vez de continuarem a oppor-se á resistencia de Uhrich como a principio fizeram, insistiam todos na dicta resistencia. O seu grande argumento no



A CATHEDRAL DE STRASBURGO.

meio do ribombar das metralhas, era que render-se a uma gente que era capaz de fazer aquillo, era correr em tanto perigo como soffrer o mesmo bombardeiamento. O que é verdade é que a resistencia foi gloriosa, e que o attaque foi um dos mais renhidos de que ha exemplo. Nos poucos dias que durou o assedio, diz um correspondente, os Allemans dispararam 25,873 projectis na cidade e na cidadella, 15,980 desses projectis tendo cada um o peso de cincoenta libras e precisando de uma carga de vinte libras de polvora, e 28,513 com o peso de vinte e quatro libras cada um.

Era impossivel que este immenso vomitar de aço e ferro não levasse á Strasburgo a ruina e a desolação, e é porque ella foi muita, que não ha quem não se admire e que ao mesmo tempo não se encha de alegria ao ver que as trez principaes curiosidades da cidade escaparam a salvo.

A nossa gravura desta pagina, que é copiada do *Graphic*, de Londres, representa a soberba cathedral, pallida ao luor das chammas que devoram os edificios que a cercam. O velho monumento havia de apresentar uma face realmente magestosa diante de luz, e todo envolvido no grande manto negro de fumo que subia do incendio em redor.

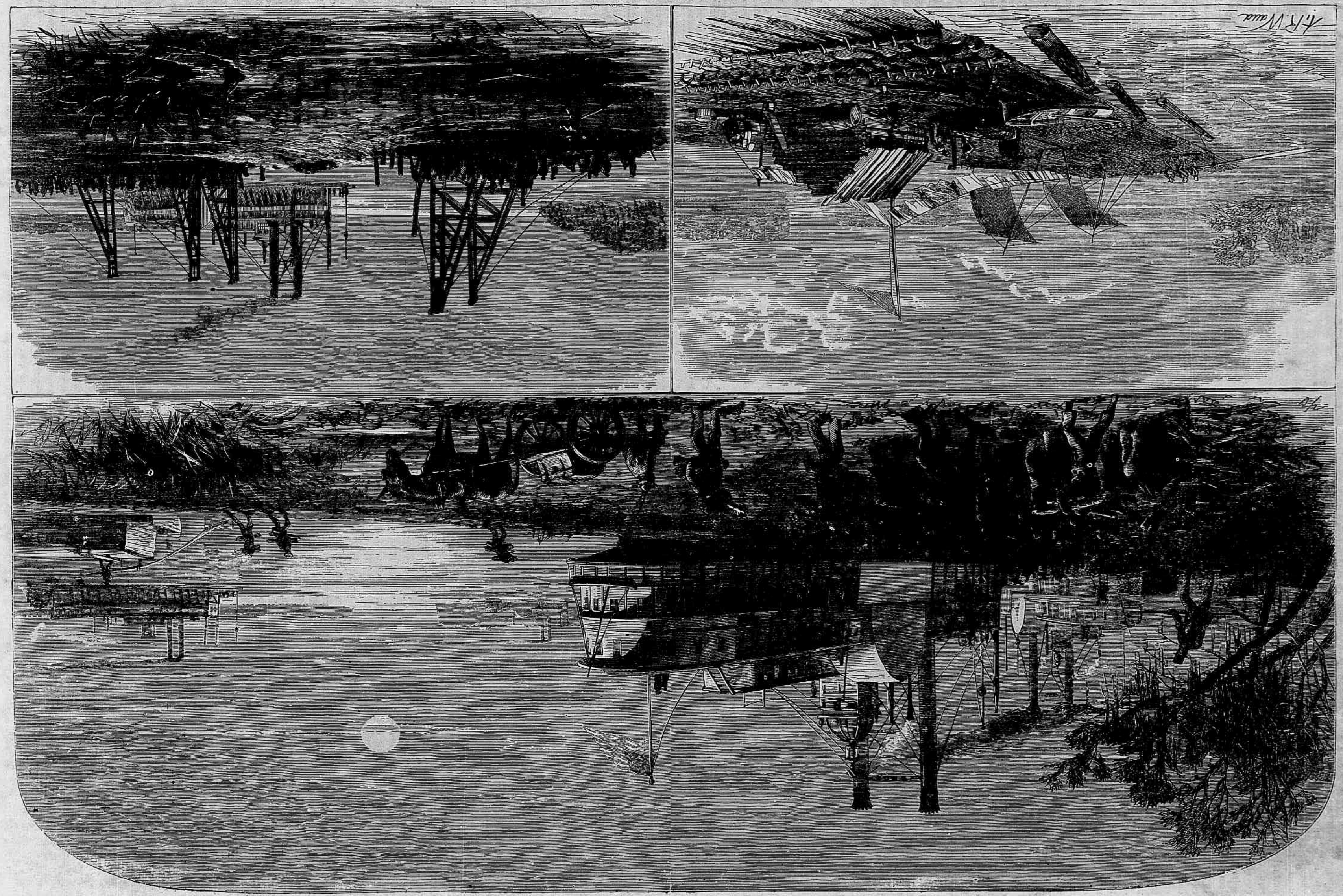
A cathedral foi poupada porque as auctoridades allemans deram ordens muito terminantes para não se atirar sobre ella. Nem precisavam as ordens serem muito em particular: os Allemans não consideram Strasburgo como sua? E aquella cathedral não é quasi toda devida ao genio do seu proprio povo?

Este notavel monumento de architectura foi começado, ha seiscentos annos, mas si contamos a sua antiguidade desde a fundação da cathedral que a precedeu no mesmo logar, então devemos dizer que ella foi começada a mil quinhentos e cincoenta annos pelo primeiro bispo de Strasburgo, S. Amando. Apezar desta sua grande antiguidade, a cathedral não está ainda hoje acabada, e a gravura bem mostra que lhe falta ainda uma torre.

As obras da construcção actual foram emprehendidas e postos em execução por Erwin de Steinbach e seus filhos. Sua filha, Sabina adornou a porta de S. Lourenço com duas estatuas, muito artisticas e representando a Antiga e a Nova Fé.

A torre da cathedral é um dos pontos mais altos da terra, que a arte humana tem feito; a sua altura, que mede 437 pés, é só excedida pela da cupula de S. Pedro, em Roma, da cathedral de Antuerpia e da pyramide Cheops.

CENAS NO MISSISSIPI



MAIS GUERRA.

A' hora em que vamos para o prelo grandes complicações pôem toda a Europa em uma braza viva. O tractado de 1856, depois da guerra de Criméa, declarou neutro o Mar Negro e fechou-o completa e *perpetuamente* a vasos de guerra, das nações ribeirinhas e das mais. Isto a Russia considerou humilhador, mas foi obligada a acceital-o. Aproveitando-se da situação da Europa, ella agora declara aos signatarios do tractado que as suas clausulas tendo sido violadas frequentemente, já com a entrada de esquadrões inteiros de guerra nas aguas do Mar Negro, já em varias circumstancias da reconstrucção da Moldavia e da Vallaquia, ella não se vê mais obrigada a respeital-o, e considera-o abrogado. Alem deste ponto,—que nesta questão de direito parece-nos ser o principal,—a Russia declara que o dicto tratado é inteiramente absurdo e injusto: ao passo que seu fim apparente é a conservação da paz no Oriente, e ao passo que ella não pode defender a sua extensa fronteira, a Turquia tem toda a liberdade de se armar no Archipelago e nos estreitos e a França e a Inglaterra podem concentrar esquadras no Mediterraneo.

Os poderes signatarios protestaram todos contra esta declaração da Russia; mas delles só a Gran Bretanha é que pode sustentar efficazmente o seu partido nesta questão. A Italia está com as mãos cheias; a Austria está vigiada pela Prussia, que, diz-se, está obrando de accordo com a Russia; e a Turquia, essa está mais deteriorada e caduca, do que estava em 1856.

A Gran Bretanha bazêa o seu protesto neste ponto: que a Russia não pede a revisão do tractado, mas, sendo uma das partes, obrigadas a obedecer-lhe, revoga-o de seu moto proprio. E entretanto a Gran Bretanha e a Russia estão-se armando e talvez estejam em guerra ao ser publicado este nosso numero.

Parece que era muito dos interesses da civilização que os contractos internacionaes fossem guardados com a mesma fé com que o são os dos particulares; e a reclamação da Inglaterra bazêa-se em uma theoria san e que desejaramos que fosse admittida como um laço totalmente jurridico entre as nações.

Mas ha outro como que principio de direito internacional, que tem sido sempre practicado e pelo qual quando uma potencia tem assignado um tractado que ella julga humilhador, está só obrigada a observal-o emquanto não tem mãos bem fortes para abrogal-o por si mesma. Contra esta força não ha direito internacional: —si as potencias signatarias podem sustentar seu protesto e são interessadas na observancia do tractado, ellas declaram guerra ao recalcitrante: do contrario, o tractado cáe por si. Ora, a Inglaterra tem interesse em conservar o tractado e por isso está prompta a declarar a guerra. Bem pode Lord Granville fallar-nos nos altos principios do direito internacional que a Russia quebra com a sua declaração; o direito internacional da Inglaterra, como disse outro dia o *N. Y. Times*, tem sido o do balcão: a verdade é que a Inglaterra sem marinha não é grande e que si a Russia liver liberdade no Mar Negro, seré uma rival muito séria para os Bretonios.

Entretanto, lastimamos muito que a Europa esteja assim a pique de ser atirada a uma nova e furiosa guerra; lastimamos que nos interesses da paz, a Russia não quizesse moderar um pouco o seu orgulho nacional e, em vez de tomar sobre si a revogação daquelle tractado realmente humilhador, não insistisse antes que este acto fosse feito pelos que o concertaram.

Assim, pois, a Gran Bretanha, que esteve tão ciosa de emprestar sua alliança a algum dos dous lados, a em guerra no centro da Europa, crê-se obrigada a ir defender aquella excrecencia europea,—a Porta ottomana.

O ESTADO DE GUERRA.

Strauss, o mestre de Renan, escreveu-lhe ao principio da guerra uma carta sobre a justiça da Allemanha, sua patria. Renan respondeu-lhe com outra carta que é agora publicada. A paz, crê elle, não pode vir dos dous governas só: deve vir de toda a Europa, que consagraria a conservaçao das actuaes fronteiras, empenhando-se a garantil-as. Tal seria um passo para a formação dos Estados Unidos da Europa, cujo plano occupa grande parte da carta de Renan. No fim elle:

"Ah, caro mestre, bem que Jesus estabeleceu o reino de Deus, um mundo ácima de odios e zelos e orgulho, em que o mais festejado não é, como neste mundo triste de hoje, o que faz mais males, o que fere, mata, insulta; o que mais mente, e é menos leal; mais ousado, e perfido; de expedientes e projectos diabolicos, . . . mas é o que é mais modesto meigo, o menos senhor de si, o menos duro de coração, o que olha para seus interesses, por ultimo, e para os do proximo, primeiro. A guerra é um tecido de peccados, um estado contrario á naturesa, em que se anima como uma acção nobre e brilhante o que em outra qualquer circumstancia brilharia só como um crime ou vicio; um estado em que somos convidados a nos regozijar com os infortunios de proximo. . . . O que constitue um passaporte para Walhalla é uma barreira para o reino de Deus. Nem nas oito bem-aventuranças, nem no Sermão da Montanha, nem nos Evangelhos, nem na litteratura da Egreja primitiva ha uma só palavra que ponha o valor militar entre as virtudes que ganhar-nos-hão o reino dos ceos.

"Não deixemos de insistir bastante nestas grandes lições da paz, que escapam aos homens que se fazem o joquete de seu mesmo orgulho e ambição, levados do seu eterno, mas pouco philosophico, esquecimento da morte. Ninguem tem o direito de não se interessar nos infortunios de sua terra; mas o philosopho e o christão devem sempre obrar com motivo. O reino de Deus não conhecce conquistadores ou conquistados. Nosprarzees do coração, do espirito e da imaginação, o vencido goza mais do que o vencedor, si elle se eleva mais alto, moral e intellectualmente. O vosso grande Goethe e o vosso admiravel Fichte não nos ensinaram elles como se pode viver uma vida nobre e feliz, a despeito da humilhação da sua terra? Um facto, para concluir, dá-me grande satisfação. No anno passado apresentei-me candidato ao Corpo Legislativo. Naõ fui eleito, Mas os cartazes com o meu nome ainda lá estão nas paredes das villas e povoados do Seine-et-Marne, com a inscripção: "Nada de revolução, nada de guerra. Uma seria tão deploravel como a outra."

GADO VACCUM.

O Texas é o Piauhy deste paiz. New York, Pennsylvania, Ohio, Illinois e Iowa com quatorze milhões de habitantes, teem apenas quatro milhões de cabeças de gado, ao passo que Texas, que não tem mais setecentos mil habitantes, tem o mesmo numero. Os seus prados são riquissimos, cortados de regatos e rios fertilizadores. Todos os annos são criados cerca de oitocentas mil cabeças. Ha fazendas de criação enormes, quasi tão extensas como as do defuncto Urquiza, de Corrientes. Vimos, ha pouco, citar-se uma com muito perto de cem mil cabeças de gado vaccum,—um numero tão consideravel que nada menos de trezentos homens, montados em cerca de mil cavallos de sella são necessarios para vigiarem e tocarem o gado.

Que ha no Texas com commercio extensissimo em gado, está claro, visto o numero das cabeças que este estado cria. Mas o leitor custará a crer que só uma casa bancaria dali pagou no anno passado perto de seis mil contos de dinheiro de gado. Alem de exportação de gado vivo, faz-se lá grande negocio com carnes empacotadas, e com carnes preservadas em gelo, que vão para pontos distantes supprir o mercado.

A ESTRADA DE FERRO DE S. PAULO.

Uma das estradas de ferro do Brazil que teem diante de si um futuro mais promettedor é a que parte do porto de Santos e se estende á cidade de Jundiahy, na Provincia de S. Paulo, na provincia deste ultimo nome. Esta obra é devida a capitaes inglezes, garantidos pelo governo imperial com o juro de 7½ por cento as anno, e á pericia do engenheiro inglez James Brunlees, ajudado por habeis profissionaes inglezes e americanos.

A Estrada de ferro de S. Paulo tem oitenta e sete milhas de extensão, a saber: treze milhas de Santos á raiz da serra; cinco milhas da raiz ao alto da serra do Cubatão; trinta milhas dahi á cidade de S. Paulo e trinta e nove milhas de S. Paulo a Jundiahy.

O que constitue o principal characteristico desta via ferrea é a serra que ella sobe en toda a sua altura de 2,600 pés ácima do nivel do mar. Esta subida de cinco milhas se opéra por meio de quatro planos inclinados, de milha e um quarto cada um, e nos topes dos quaes estão assentadas em rocha viva quatro machinas fixas, que prendem e desenrolam fortes cabos de aço que puxam os trens que sobem e sustentam os que descem pelos trilhos.

A obra de engenharia mais importante que ha nessas cinco milhas é o viaducto, que a nossa gravura á pag 20 representa. Ella tem 900 pés de comprimento e a sua maior altura é de 260 pés. Ali se veem os grandes rolos onde passam os cabos, e a obra de ferro, e a immensa obra de granito que ha na bage.

Nestas cinco milhas, só, a porção de terra cavada foi de um milhão e quatrocentos mil jardas cubicas.

No resto da estrada o declive é doce, regulando por dous por cento, isto é, noventa e cinco pés e meio por milha, excepto em uma destancia muito curta, onde é de dous e meio por cento.

Treze milhas antes de chegar a Jundiahy ha um tunnel de perto de dous mil pés de comprimento, a maior parte do qual foi cortado atravez da rocha viva. Na extrema ou boca do tunnel, ha um córte de quasi meia milha de comprimento e contendo cerca de duzentas e cincoenta mil jardas cubicas.

A construcção da Estrada de ferro de S. Paulo começou em 1861 e se findou sete annos depois. Ella custou vinte e seis mil contos de reis.

A Estrada está rendendo actualmente de cento e oitenta a duzentos contos de reis por mez.

ORIGEM DA MISERIA.

Houve ultimamente em Cincinnati um Congresso internacional das Prisões, onde se leram muitos documentos interessantes sobre as prisões, e os criminosos. Segundo estatiscas que foram apresentadas com essas memorias, tira-se bem a timpo qual a causa do crime, em geral;—é a ignorancia e a falta de não se ensinar aos homens um officio qualquer, quando rapazes. Consta, com effeito, que apezar de toda a luz que ha derramada neste paiz, 28 por cento dos seus presos não sabem ler, ao passo que 97 por cento nunca aprenderam officio de qualidade alguma. Os analphabetos são quasi todos estrangeiros; mas os que não teem profissão pertencem quasi todos aos Americanos natos. Tem-se notado ultimamente neste paiz a pouca ca inclinação da mocidade para aprender os officios da me chanica. O que elles querem agora é ser caixeiros e trajar roupas, que sirvam para a sala de visitas, e luvas, em logar das mãos sujas do artesão. O resultado disto é que quasi todos os officios mechanicos são desempenhados por estrangeiros. A pouca vocação dos rapazes nascidos aqui para esses empregos é um orgulho occulto, antagonistico da forma republicana do governo, e que os leva a não quererem viver na officina em companhia com o menos educado estrangeiro. O resultado disto é que ha sempre pre uma grande classe nas cidades, esperando *situações*, como aqui se diz, e fazendo nada,—classe donde se recrutam quasi todos os criminosos que enchem as prisões.

Agora uma observação a respeito do Brazil: si aqui os rapazes, membros de uma republica, repugnam ser industriosos por causa do contacto com outro branco, fallando a mesma lingua,—só porque este não tem educação tão bem formada como a sua e muitas vezes é analphabeto,—como se esperar que no Brazil a industria nacional progrida, com a manutenção do escravo,—de outra raça diversa, sem educação alguma, sem familia, em summa, sem liberdade?

O CAFE DE JAVA.

Diz o *Journal of Commerce* desta cidade que de 713,000,000 de libras de café que o mundo produz por anno, Java produz 140,000,000.

O café de Java é o mais apreciado, depois do de Mocha. A maior parte do café que se vende como de Java não é genuino. As plantações em Java, estão em mãos do governo hollandez, e o melhor café é exportado por uma companhia, sob contracto com o governo. Todo o café vai para Amsterdão e Rotterdão, onde ha leilões mensaes, em que, todavia, os compradores não podem examinar as saccas e outros involucros do café sinão depois da compra. Essa companhia tem um monopolio completo do café de Java e ella é que, com o governo, regula-lhe os preços. A Allemanha, a Franca e a Suissa, são os principaes freguezes deste genero. O café que se vende aqui como "Governo" de Java, é quasi sempre o refugo da colheita, deixado pelo governo hollandez: esse é o unico que se exporta directamente para outra qualquer parte que não os dous portos supracitados.

PERU.

As ultimas noticias do Perú são animadoras. O Congresso estava discutindo o relatorio da commissão encarregada de dar parecer sobre o contracto Dreyfus, relativo á colheita e venda do guano. Dizem que depois que este contracto está em vigor, o governo tem recebido por seu guano mais trinta por cento do que sob a antiga ordem de cousas. Entretanto nunca houve projecto algum que, sujeito ao Congresso peruano, excitasse maior opposição do que este. O primeiro deputado que fallou contra elle, o Señor Gamio, começou dizendo que aquillo era um leilão é que o lanço feito pela caza Dreyfus não era realmente de pouca monta. Tambem em menos de cinco minutos o Señor Gamio tinha recebido cinco desafios para uma lucta de corpo, e vira-se ameaçado com uma porção de bengalas e de cadeiras de que os seus amigos só o puderam livrar obrigando-o a sahir do salão, que estava todo apinhado do povo das galerias que, no meio da confusão geral, o invadira.

Os que estão accostumados a ler noticias dos republicas hispano-americanas, concluirão logo deste facto no seio do Congresso do Perú que uma revolução seguiu-se immediatamente ao conflicto. Mas desta vez elles se acharão enganados. O Perú está progredindo e o seu povo está aprendendo a logica do sopapo no parlamento sem a logica da espada no campo. Digam o que quizerem, regozijamo-nos com a mudança.

O NOME "BRAZIL."

O professor Hartt, na sua recente obra sobre a geologia brazileira, diz que estudando a derivação da palavra *Brazil*, achou estudos feitos e cabalmente feitos por Humboldt, sobre a mesma palavra. Humboldt achou em mappas italianos, publicados entre 1351 e 1459, o dito termo, sob trez fórmas, *Bracie*, *Brazil* e *Berzil*; era então o nome applicado a alguma ou algumas das Açores, e mais particularmente a um ponto da Ilha Terceira, que ainda conserva a mesma denominação.

Trez seculos antes de se descobrir a rota para as Indias pelo Cabo de Bôa Esperança conhecia-se na Europa um pau de tingir chamado *bresill*, *brasilly*, *bresilji*, *braxilis* e *brasile*, que, crê-se era alguma especie das *Casalpina* ou *Pterocarpus* da India. Agora como foi que esse pau começou a ser chamado *Brazil*, isto é que não se sabe. O certo é que o nome Brazil não vem da palavra *braza*, á similhança de cuja côr é o pau-brazil. O naturalista Gryneas falla de pau-brazil visto em Paira, em 1499, e Anghiera, que tambem escreveu antes do descobrimento da Terra da Sancta Cruz, viu páu-brazil no Hayti, e refere-se a elle, com esta mesma denominação.

Os Francezes estão admirados das revelações comprovadas que o governo provisorio tem feito utimamente da corrupção immensa em que jazia a côrte imperial de Napoleão e de Eugenia. Desde, porem, que os Francezes permittiam que o Imperador lhes sacasse annualmente umas enormes sommas para a manutenção de favoritos, o que é que poderiam elles esperar senão as miseriasinhas que agora estão sindo á luz?

Quando Bonaparte era Presidente, o serviço civil custava oitocentos contos por anno. Mas o que isto para o Imperador, cheio de dividas e parentes e favoritos? Assim, pois, que abjurou a republica, Napoleão deve dez mil contos por anno, e logo que a familia cresceu com a mulher e o filho, esta somma foi elevada a quatorze mil contos por anno, isto é,—quarenta contos por dia!

Os "altos funccionarios" ou "grandes" da casa imperial eram remunerados com trez mil duzentos e quarenta e quatro contos por anno, pelo serviço de concorrerem para o fulgor da côrte de Pariz. Multiliplique-se esta somma por dezoito, que tantos annos durou o governo imperial napoleonico, e teremos—só nos "grandes" e fóra os imperiaes affins, etc., etc.,—a somma de seiscentos mil contos—muito mais de que toda a divida do Brazil.

No anno passado sahiram da Gran Bretanha, 258,027 emigrantes, dos quaes 90,406 foram Inglezes, 23,559 Escossezes, 73,325 Iralandezes, e o resto estrangeiros. A estatistica da emigração ingleza extende-se até 1815: vê-se della que desdeentão teem largado das praias do Reino Unido—4,276,599 emigrantes para os Estados Unidos; 1,756,476 para as colonias inglezas da America do Norte; 971,358 para as colonias ca Australia e Nova Zelendia e 152,266 para outras partes. A somma de dinheiro que se sabe ter sido remettido da America para o Reino Unido nos vinte e tres annos passados é de £15,500,000. Só em 1869 foi ella de £640,000.

Querem declarar Guilherme como Imperador da Allemanha. Tal era o titulo qu seus antepassados tiveram desde que o Papa coroou Carlos Magno, no começo de seculo IX., até o principio deste seculo qnando o primeiro Napoleão reduziu os principes allemans a formarem a Confederação rhenana. Agora a queda de outro Napoleão eleva outra vez o antigo throno. Uns são exaltados, outros humilhados. Na propria elevação do rei Guilherme á dignidade imperial de toda a Allemanha vai a semente da sua destruição, a menos que o ideial imperial se tenha mudado muito, como deve ter mudado nesta edade.

Ha 11,017 Chins em S. Francisco. Deste numero *todos* sabem ler e escrever. Só ha lá nove Americanos natos que não sabem ler nem escrever. Não ha Francez nem Allemão algum nesta cathegoria. Entretanto ha 6,885 Irlandezes que não sabem ler nem escrever.

Isto falla bem alto pelo Imperio floreal, e dá-nos a razão por que os Chins são bem succedidos. Isto tambem dá-nos o resultado da falta na Islanda de um governo firme, e no amor de seus subditos.

OS BRILHANTES D'AFRICA.

Não ha quem não se lembre da fome de ouro que houve, não ha muitos annos, por occasião do descobrimento das minas da California. Todos os sonhos dos aventureiros, porém, dissiparam-se quando viram que, afinal de tudo, não ha riquesa que não custe trabalho e que a exploração do ouro, por ser do ouro, não era uma industria mais lucrosa do que o commum das mais. Daquella febre parece que o melhor resultado foi um conhecimento mais aprofundado dos recursos da California e um desejo de aproveital-os, desejo que, a seu turno, resultou no augmento prodigioso da riqueza desse Estado, na razão de seiscentos por cento no ultimo decennio.

Estretanto sempre que se falla de um thezouro guardado em um logar, surgem logo em toda a parte aventureiros que, esquecendo-se dos trabalhos da viagem, das despesas e das difficuldades, atiram-se á cata das divicias. O desconhecido; o lucro feito de chofre; um trastorno das regras ordinarias do trabalho,—tudo isso são estimulantes que nos roubam a nós mesmos áquillo que vemos sempre e que está pre-admittido, e que nos leva a emprehender riscos de toda a casta.

O amôr do jogo nasce desta mesma aspiração. Todos nós mais ou menos gostamos de brincar com a sorte, ou antes de brincar com as leis da naturesa para obter as mercês da sorte.

Esta febre pelos diamantes d'Africa, e as disputas que já se veem lá sobre a exploração das gemmas, faz-nos trasportar pela mente ao que se pasava em Minas Geraes, antes deste paiz formar uma Provincia e quando era ainda parte da de S. Paulo.

Foi a procura de esmeraldas que causou o descobrimento de Minas, e foram as suas esmeraldas e o seu ouro que attrahiram os seus primeiros habitantes. Foi a sêde do ganho que fez a Sebastião Fernandes Tourinho e, depois d' elle, a Antonio Dias Adorno com as suas centenas de brancos e de Indios, subirem pelo Doce e descerem pelo Jequitinhonha; foi isso que levou a tantos outros aventureiros a metterem-se pelos mattos a dentro e, ao travez de mil difficuldades, chegarem até o Serro do Frio, e lá se demorarem largos annos a saciaram-se nas fontes do ouro. Foi então que os Taubatenses e os Piratininganos travaram-se de lucta, por ciumes na exploração, e foi pouco depois desta porfia que seguiu-se a mais seria inimizade entre os nacionaes e os europeus, os quaes ultimos começavam a affluir áquellas regiões, attrahidos do mesmo intento que para lá levava os aventureiros natos.

O homem é sempre o mesmo, e não é, pois, de admirar que a mesma cousa esteja occorrendo agora ao sul d'Africa.

Ha quatro annos, mais ou menos, achou-se ali um diamante, a 200 leguas da colonia do Cabo. Nos primeiros mezes apoz esse descobrimento acharam-se mais cinco ou seis pedras, do valor de cinco contos cada uma. Ha pouco mais d'um anno appareceu uma só pedra a "Estrella d' Africa" que, depois de passar por muitas mãos vendeu-se por perto de dous mil e quinhentos contos. Está visto que esta gemma não é muito preciosa comparada com as grandes pedras que se teem achado na India e na nossa provincia de Minas,—pelo menos não é do tamanho de uma que possue um sultão em Bornéo, e que é avaluada em sete mil contos. Todavia as pedras que se hão descoberto ali são bastante presiosas para attrahirem a multidões de gente anciosa por dinheiro, e são em bastante abundancia para excitarem, como estão actualmente excitando, um grande movimento febril entre os aventureiros.

A nova região diamantina dista do Cabo, como dissemos, por duzentas leguas. Ella cobre uma area de cerca de cem leguas quadradas, estendendo-se pelo Orange, e pelo Vaal ácima, o seu coração parecendo ser na juncção destes dous rios. A propriedade do territorio onde se teem achado mais diamantes é disputada por alguns chefes locaes entre si, e até por missionarios dinamarquezes; mas os aventureiros exploradores, não dando fé dessa disputa, propõem-se a formar um governo independente. Ha actualmente cerca de dous mil delles, que com trabalho afanoso, teem conseguido achar de cento e vinte a cento e cincoenta pedras por semana. E' impossivel por ora dar ás pedras outro valor que não o conjecturado pelas folhas do Cabo e pelos viajantes; mas si a informação que estes nos dão é digna de credito, teem-se achado pedras muito preciosas: só em uma semana setenta e quatro pedras foram cavadas, e que foram avaluadas em perto de seiscentos mil reis cada uma.

Está visto que pouco se pode dizer por ora do futuro do mercado dos diamantes, não se sabendo da abundancia em que elles serão achados na Africa, e da sua qualidade. Os que se teem achado até agora, consta que não teem o brilhantismo, não são de tão bôa agua como o commum dos brilhantes do Brazil.

Até agora só se teem achado esta pedra preciosa nos Uraes, da banda da Siberia, em alguns dos Estados do sul deste paiz, e,—principalmente,—na Indostão e no Brazil.

RECENSEAMENTOS.

Ha trez annos, quando o Governo Imperial publicou um volume official sobre o *Brazil na Exposição*, a população dada do Rio de Janeiro foi de 600,000 habitantes. Pompeu ha muitos annos deu-lhe 400,000 e Almeida, cremos, deu-lhe 450,000 Agora o recenseamento só lhe dá (como dizem os correspondentes), uns 360,000 habitantes, justamente 40 p.c. menos do que lhe deu o Governo. Nós nunca duvidámos que a estimada população do Rio era muito exaggerada e isto porque comparámos varias vezas o numero das mortes nessa cidade com o das occorridas em New York, cuja população se dizia pouco mais de duas vezes maior do que a do Rio de Janeiro: a estatistica nos mostrava qui morrem em New York de sessenta a setenta por cento mais pessoas do que no Rio, e portanto esta cidade não podia ter mais de 330,000 hab.

Mas o Rio de Janeiro pode consolar-se que não é só no seu desapontamento. Todas as grandes cidades dos Estados Unidos, excepto S. Francisco, tiem muito menor população do que a que era geralmente estimada. New York gabava-se de um milhão, e só tem 926,000; Philadelphia tem só 660,000, um pouco menos do qui esperava; Brooklyn tem 390,000, em vez dos 500,000, que representava ter; S. Luiz, 312,000; Chicago, que reclamava mais de 250,000, não encera senão 230,000; Cincinnati, tem 220,000; a orgulhosa Boston, o *Hub of the Universe* só tem 250,000; Baltimore, 230,000. New Orleans ganhou 13,000 em dez annos e S. Francisco ganhou 96,000, tindo agora 150,000. Ha vinte annos esta cidade tinha apenos 34,870; Chicago, 28,269, e S. Luiz, 78,000. Istt dá uma idcia como aqui se fazem cidades.

O CAROÇO DO ALGODÃO.

O systhema de trabalho com que lavramos as nossas fazendas no Brazil tem banido completamente a arte de nossos campos. A arte da agricultura depende de duas condições essenciaes: antes de tudo a intelligencia, o espirito emprehendedor, prescrutador, combinador daquelle que cultiva, e, depois, o proprio objecto em que se appliquem essa intelligencia, essas forças naturaes do desenvolvimento humano. Em outras palavras, toda a arte precisa, pelo menos de um *artista* e de uma *obra de arte*. Ora no Brazil o systhema do trabalho escravo não creou ainda a necessidade desta ultima, nem a vocação do primeiro. A lavoura não é ainda, lá, uma *obra de arte*, mas antes é um resultado simples, prompto e immediato da naturesa, e o lavrador que é escravo, isto é, que não tem vontade sua, nem familia, nem futuro, nem incentivo algum; que é bruto, que nunca poude explorar ou educar a parte mais exaltada da natureza humana,—esse será um *trabalhador*, uma machina de carne e osso, um instrumento de dous braços, dous pés e um tronco,—mas nunca será um *artista*.

O systhema do trabalho por escravos vive de resultados, grandes e promptos: cultiva-se este solo aqui emquanto elle pode produzir muito, rapidamente, e sem exforço intelligente: muito, porque o capital do senhor de escravos é grande e os proveitos devem-lhes ser proporcionaes; rapidamente e sem exforço intelligente, porque depende-se da naturesa e porque não ha trabalho livre. Perseverança, paciencia, progresso; experiencias, exploração da naturesa até seus ultimos resultados, tudo isto é extranho á fazenda de escravos.

Entretanto é preciso cuidarmos muito seriamente de transtornar este modo de cousas. A abolição da escravidão é questão de mais dia menos dia, e o unico meio que nós temos de nos poupar a muita miseria ou, pelo menos, de crear a riqueza que ora nos deixa o trabalho escravo, é introduzir na agricultura mais instrumentos de riqueza, mais pericia, mais economia, mais completa exploração das forças da naturesa. Esta revolução do systhema do trabalho deve começar desde já: depois, será talvez muito tarde. Cada fazendeiro deve fazer de conta que lhe morreram todos os escravos, o que só lhe resta a fazenda e que, sem capital para comprar escravos, e sem credito, precisa tirar das suas terras todo o partido possivel com trabalho alugado. Nós estamos no meio de uma grande crise e é preciso muito tino, muita finura e muita fé, para nos salvar.

Até agora, com escravos, tem havido um grande desperdicio na economia rural: nem o solo tem sido melhorado, nem um systhema de cultura, mais racional, tem sido estudado, nem se tem tirado toda a vantagem possivel de certos productos que nossos fazendeiros colhem e que nem ao menos são restituidos, como estrume, á terra donde vieram. "O Novo MUNDO" ha de sempre chamar a attenção do leitor para estes pontos é concorrer, como puder, para informal-o dessas muitas forças naturaes que estão desprezadas.

Fallaremos hoje do caroço do algodão. O Brazil já exporta um numero consideravel de fardos de algodão; mas o que é feito da semente do precioso producto?—Nada, absolutamente nada. Si ao menos ella fosse fermentada e, depois de podre, restituida como esterco aos mesmos algodoeiros donde sahira, teriam elles o melhor nutrimento possivel, para crescerem e darem melhor e mais abundante colheita: a nossa lavoura, porem, não passa ainda do roçar, plantar e alimpar: estrumar ainda está muito alto para ella. O mais que se faz com o caroço do algodão é queimal-o: queimal-o, quando não se precisa deste combustivel de preferencia a nenhum outro. Assim, o mais que faz com o caroço do algodão é destruil-o completamente por não se saber o que fazer-se delle. Entretanto, como é sabido, o caroço do algodão faz um oleo excellente; e, o oleo extrahido, deixa um pão ou tijollo de massa, que tem muito valor. Já nem fallamos dos fios ou fiapos que, trabalhados, são tão uteis ao fabricante de papel; e da propria casca da semente, que é tão util, como combustivel.

Antes de se abolir a escravidão nos Estados Unidos, pouco oleo se fazia do caroço do algodão, pois militavam aqui contra o trabalho intelligente as mesmas razões a que agora nos referimos em relação ao Brazil. Calcula-se que não mais de quatrocentos contos estavam empregados nesta industria, antes de 1860. Hoje, dez annos depois, só nesta cidade de New York ha mais do que o dobro disso empregado em fabricas do oleo, e em todo o paiz o capital dessas fabricas sobe a quatro mil contos. Nos primeiros trez mezes de corrente anno entraram em New York 17,200 saccos de semente, de cem libras cada um, o que faz perto de sete milhões de libras por anno. Entretanto no sul, em Memphis, em New-Orleans, em Mobile, em Galveston, e em outras cidades, ha fabricas em grande escala trabalhando continuamente na extracção do oleo e preparação do pão da massa do caroço do algodão.

Quando o algodão sahe do descaroçador, o caroço traz muitos fios e uma casquinha, dura e muito pegada á polpa de caroço. Uma e outra cousa deve ser bem extrahida para se ter oleo de bôa qualidade. Para isso o caroço deve passar por duas machinas especiaes, uma sendo para tirar os fios e, a outra, a polpa. Depois disto é que a massa deste é sujeita ás prensas hydraulicas onde o oleo é extrahido e o residuo, em forma de tijollos ou pães, conservado para vender-se, egualmente com o oleo.

O oleo extrahido desta maneira é o oleo não refinado; sua qualidade e côr dependem, está visto, da qualidade do caroço, da porção de calor que elle absorveu durante a pressão na machina, e de outras circumstancias do processo de fabrico.

Ultimamente um inventor obteve em Washington o privilegio de um novo processo de fabricar o oleo, que consiste em macerar o caroço em algum hydrocarbono simples. Dizem que este methodo é excellente e que não está mais introduzido por causa dos direitos exorbitantes que o privilegiado pede pelo uso delle.

Ora no Brazil bem poder-se-hiam erigir algumas trez ou quatro fabricas em localidades o mais perto possivel das centros algodoeiros. A conducção seria lá tão cara que não valia a pena talvez mandar-se e caroço para o Rio de Janeiro ou para os portos. Por exemplo: uma sacca de cinco arrobas não paga de Campinas, em S. Paulo, ao Rio de Janeiro. menos de 1$000 de frete, e esta verba, que é tão consideravel, reduziria muito os proveitos da industria, o que não se daria, fosse a frabrica na propria cidade de Campinas.

Com vinte e cinco contos de reis compra-se neste paiz uma fabrica bem montada com todos os apparelhos necessarios:—

Mas com transportação ao interior do Brazil com o custo do edificio no local, com o necessario para a immediata compra do caroço, podemos dizer que com quarenta, e quando muito, cincoenta contos, pode-se ter n'uma cidade do interior de Brazil uma fabrica com capacidade de usar *todos os dias* seiscentos e vinte e cinco arrobas de caroços e produzindo oitocentas garrafas do oleo,—fora a massa e os fios.

Apresentemos, tanto quanto nos fôr possivel, o orçamento de uma fabrica nestas circumstanias. O caroço de algodão não tem por ora, no Brazil, um preço siquer, approximado: esse preço tem de ser creado pela difficuldade do transporte do genero. Mas ninguem dirá que exaggeramos a sua baratesa, dando-lhe o valor que ora tem nos Estados Unidos, onde o trabalho é tão caro. Pois bem: em New Orleans uma tonelada (2,000 lbs.) de caroço custa doze dollars e, portanto, em Campinas ou em Pernambuco uma arroba não pode custar mais de um cruzado, ou antes 375 rs., em conta redonda. As despezas de uma fabrica, como ácima, serão, pois, estas:

625 arr. de caroço a 375 rs. . .	234$375
Trabalho de um dia	50$000
Juros	15$625
	300$000

Isto é bastante para produzir:

1,800 garrafas de oleo a 200 rs. .	360$000
300 libras de pasta de fios . .	120$000
250 arrobas de massa, a 600 rs..	150$000
	630$000

Estes preços são os destes artigos no Sul da União, nos logares onde são exportados para New York e para o exterior; a com elles vê-se que uma fabrica de menos de cincoenta contos produzirá quotidianamente pelo menos trezentos mil reis. Está claro, pois, que a industria é proveitosa.

Mas agora vem a questão: onda é que se vai vender o oleo do caroço do algodão? Para que serve elle?—Para muito. O oleo está sendo admittido geralmente como lubrificante e todas as vezes que se precisa de um azeite simples, ou para luz, pois é egual ao esparmacete, ou para a meza do jantar, ou como secante, ou, melhor ainda, como material para a fabricação do sabão, pois com elle se fazem os mais finos sabonetes do toucador. E' verdade que o oleo usado para esses misteres deve ser antes de tudo refinado, e combinado com outros por processos difficeis ainda, e requerendo familiaridade com a chimica; mas o Brazil não precisa exportar o oleo refinado; como o Sul da União, basta que o exporte tal qual sahe das machinas hydraulicas: nunca faltará comprador para um producto que está sendo tão rapidamente admittido na industria. Ha doze annos quando primeiro se preparou o kerosene, que hoje toda a gente tem em casa, aqui, no Brazil, em toda a parte, ninguem poderia crer que em breve aquelle oleo seria o companheiro de tantos milhares de familias. Vejam hoje que de milhões não ha empregados neste artigo, que figura como um dos primeiros na lista da exportação deste grande paiz!

O mesmo ha de succeder com o oleo do caroço do algodão. Quem sabe si em meia duzia de annos não o havemos de ter geralmente, em casa, illuminando-nos a sala do jantar da fazenda, temperando a salada á meza, limpando-nos as mãos ao lavatorio, etc.?

Ouvimos dizer que um capitalista no Rio de Janeiro vai erigir uma nova e grande fabrica de tecer o algodão: pois aqui está outro campo desafiando egualmente o capital e o talento dos nossos fazendeiros e homens de negocio.

Em poucos mezes a riquera publica pode receber um grande incremento com a explo ração deste novo ramo da industria.

Cada arroba de caroço dá trez garrafas de oleo, doze libras de massa e meia libra de fios, este ultimo numero sendo *no minimo*. Ora supponhamos que da nossa colheita de algodão só 500,000 fardos sejam aproveitados neste sentido: como cada fardo dos nossos representa umas vinte arrobas, o producto de caroço será de dez milhões de arrobas. Esses dez milhões de arrobas darão, pois, trinta milhões de garrafas, que, a duzentos reis perfazem seis mil contos; darão mais cento e vinte milhões de libras de massa, o que vem a ser trez milhões setecentos e cincoenta mil arrobas que a seis centos reis, fazem dous mil duzentos e cincoenta contos; darão, afinal, cinco milhões de libras de fios que, a cruzado, perfazem dous mil contos. A riqueza publica que então se crear será:

Oleo	6,000,000$
Massa	2,250,000$
Fios	2,000,000$
	10,250,000$

Assim, um artigo hoje inteiramente desprezado pode deixar annualmente dez mil e tantos contos no paiz. Considere-se agora que o lucro liquido que essa industria deixa ao fabricante, fazendeiro ou não, é, pelo menos, de cinco mil e quinhentos contos e supponha-se que se decreta hoje a completa extincção da escravidão que o trabalho do liberto deve ser remunerado com vinte mil reis por mez: eis ali dinheiro bastante para se pagar o salario de 22,000 homens livres, cujo trabalho não será o trabalho inglorio, cego, bruto do escravo, não será um trabalho feito contra a vontade do trabalhador, mas será um verdadeiro contracto em que as duas vontades junctas hão de produzir muito mais amplos proveitos para ambos, para o paiz e para a civilização do mundo.

Considere-se outra cousa: no nosso orçamento vê se que uma quarta parte das despezas com a industria do oleo do algodão é applicada ao trabalho e isto quer dizer que mil e duzentos contos são para salarios. Como este trabalho das machinas precisa de mais intelligencia que o do campo, demos quatro centos mil reis annuaes a cada foguista, mestre de engenho, etc. etc., e teremos 3000 empregados, de maneira que o caroço do algodão alem de pagar aos capitalistas mais de cinco mil contos, livres de todas as despezas, é bastante para pagar os salarios e manter-se a liberdade de 25,000 pessoas, que calculamos ser nada menos que a quinquagesima parte do numero total dos escravos que ora *trabalham* no Brazil,—numero que não cremos superior a 1,250,000. Cincoenta cousinhas como o caroço do algodão, que hoje se mette no fogo por não se saber o que fazer-se com elle, são bastantes para se pagar a todo o trabalho que se executa actualmente no Brazil, fóra as immensas despezas do capital parado e de manter o escravo, fóra 250,000 contos que cincoenta industrias como essas deixariam no paiz, fóra, em summa, todas as multiplas bençams da liberdade concedida a todo o vivente na terra da Sancta Cruz!

Quando, pois, pedimos que quanto antes se acabe com a escravidão no Brazil, não somos levados por um mero desejo de *propaganda* em prol de uma palavra bonita, e contra um nome feio; nem tão pouco menosprezamos os interesses materiaes dos interessados. Não. Quanto mais pensamos na lei do amor que domina todas as relações desta vida; quanto mais descemos e analysamos esses proprios interesses, tanto mais claro vemos que a instituição da escravidão só é sustentada por uma tradição de eras atrazadas em que só prevelecia o negro da naturesa humana, e quando a luz do Evangelho não brilhava ainda sobre ella.

DOMINGO F. SARMIENTO,
PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA.

DON DOMINGO F. SARMIENTO, Presidente actual da Confederação Argentina, é um dos mais sabios chefes que teem sido chamados a dirigir um povo, e nessa Republica, pelo menos, é o melhor magistrado que ella jamais teve. A vida de Sarmiento, pode-se dizer, tem duas partes: a primeira que começou-lhe aos, talvez, dezoito, e durou muitos annos, foi a parte militante, na extensão da palavra: Sarmiento entrou na politica activa do seu paiz, oppôz a Rosas a sua espada e foi banido; á segunda, que começou ha poucos annos, e que ainda dura, e que não é menos militante do que a primeira, posto que em outro sentido, podemos chamar a parte regeneradora, da sua vida.

Ha cinco annos Don Domingo F. Sarmiento chegava a este paiz, no character de representante da confederação do Prata. Parece que o progresso immenso que este povo tem feito chamou a attenção do velho coronel para as suas causas immediatas, e elle ficou convencido que era á educação popular quasi exclusivamente que os Estados Unidos deviam a sua prosperidade. Tambem Sarmiento estudou as obras dos grandes educadores do paiz e publicou até uma vida de Horace Mann, na lingua hespanhola. Outro segredo que parece que Sarmiento sorprehendeu nas causas do progresso é a attenção que devem merecer de todos os cidadãos e de seus chefes principalmente, as necessidades e melhoramentos materiaes, de cuja realisação dependem os conchegos, a abastança, a prosperidade dos povos.

Emquanto proseguia aqui neste estudo, os Argentinos iam eleger novo Presidente. Elles comprehenderam qual era a qualidade de homem de que precisavam, e apezar da distancia em que estava e da sua abstenção da politica mais activa do paiz, e, o que é mais, apezar da formidavel candidatura de D. Rufino de Elizalde, então ministro dos negocios estrangeiros e que tinha o apoio moral do Brazil, D. Domingo Sarmiento foi eleito Presidente da Confederação Argentina,—eleição tão honrosa para o eleito, como para o estado que a fez.

Por ter morado nos Estados Unidos, onde o sentimento publico estava antes do lado do

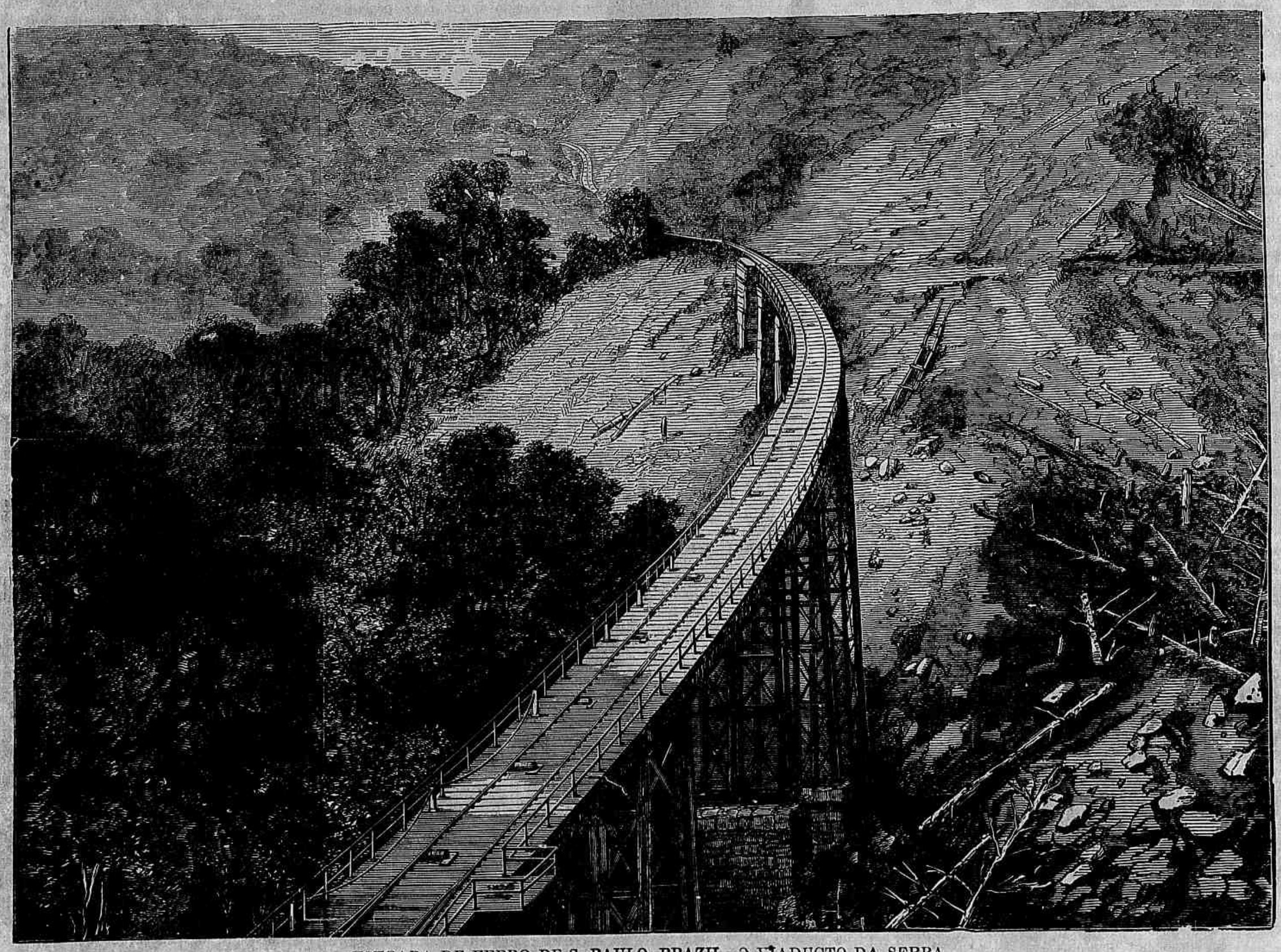
DOMINGO F. SARMIENTO,
PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO ARGENTINA.

Paraguay do que do dos alliados, e por ser um cultor da paz, cuidava-se aqui que o novo Presidente iria logo quebrar a alliança triplice contra Lopez; mas cuidava-se isto porque não se conhecia mais de perto o coronel Sarmiento, e a mesma naturesa das relações entre as republicas do Prata e o Brazil; cuidava-se isto aqui porque a imprensa não queria de caso pensado ler o que o proprio Sarmiento lhe escrevia sobre a guerra do Paraguay. Lembra-nos ter lido no *Boston Advertiser*, em um de seus numeros de Maio de 1868, uma communicação do então ministro argentino, em que a posição da Confederação a respeito de Lopez era perfeitamente definida, em que elle dizia que a liberdade e a independencia do seu paiz dependia da derrota desse tyranno.

Indo assumir a administração da republica, o Presidente proseguiu na mesma politica anterior, a respeito do Paraguay. Como, porem, a derrota dos Guaranys era segura, Sarmiento começou logo a executar no interior do paiz reformas pacificas muito importantes, deixando de lado questões pequenina de politica local e fazendo destarte para si um nome que é hoje muito respeitado em todo o mundo civilizado. Entre outras obras e resultados da excellente administração fallaremos nomeadamente destes: Teem-se estabececido escholas e collegios onde é possivel havel-os, e em quatro provincias ha hoje quatro novos lyceus ou pequenas academias de lettras; teem-se colligido as rendas publicas com tanta fidelidade e economia, e a riquesa publica tem augmentado tanto sob a sua administração, que o credito da confederação á agora excellente: em 1866 as apolices argentinas estaram sendo quotadas em Londres a 44, em 1869 estavam a 66 e agora estão a 90, pouco mais ou menos; estão-se estabelecendo linhas telegraphicas para a fronteira do Brazil, do Paraguay e, cremos, vão-se estabelecer em breve para a do Chili; teem-se contractado varias linhas de estradas de ferro uma para o Uruguay, outra para o Rio Claro e outra para o Jujuy, e, finalmente, teem-se marcado limites ás diversas provincias confederadas e, pela vez primeira, fez-se o recenseamento geral do estado.

A maior questão politica que o Presidente Sarmiento tem tido foi uma que resultou do procedimento do governador da provincia de San Juan, que pôz em prisão toda a legislatura da provincia por ter decidido contra a sua vontade a respeito de umas eleições, esta vontade do governador sendo contra uma lei anteriormente votada pela propria legislatura. O Presidente Sarmiento reintegrou a legislatura no exercicio das suas funcções, quando ella appellou ao governo geral. Esta questão foi levada ao conhecimento do Congresso nacional, que sanccionou a decisão de Sarmiento, a despeito da vigorosa opposição do ex-Presidente Mitre.

Outra questão politica que de alguma forma comprometteu o coronel com muitos dos *politicos* da confederação foi no anno passado, quando se propôz no Congresso um projecto de lei determinando que, em *todos* os casos de intervenção, o Senado e não o Presidente Argentino, era o competente para decidir. Sarmiento, está visto, protestou contra a passagem desta lei, segundo os meios constitucionaes e invocou até os precedentes de perto de setenta annos na mesma Republica. Elle-scria que o direito de intervir deve estar sem



ESTRADA DE FERRO DE S. PAULO, BRAZIL—O VIADUCTO DA SERRA.

pre mãos do Executivo e por pertencer á ordem daquellas atribuições que quasi todas as Constituições delegam áquelle ramo do poder, como fez a nossa do Brazil nos § § 7 a 11 do art. 102. Entretanto esta representação do Presidente, feita, não em seu favor pessoal, mas no dos principios do Direito publico, bastou para fazel-o menos popular.

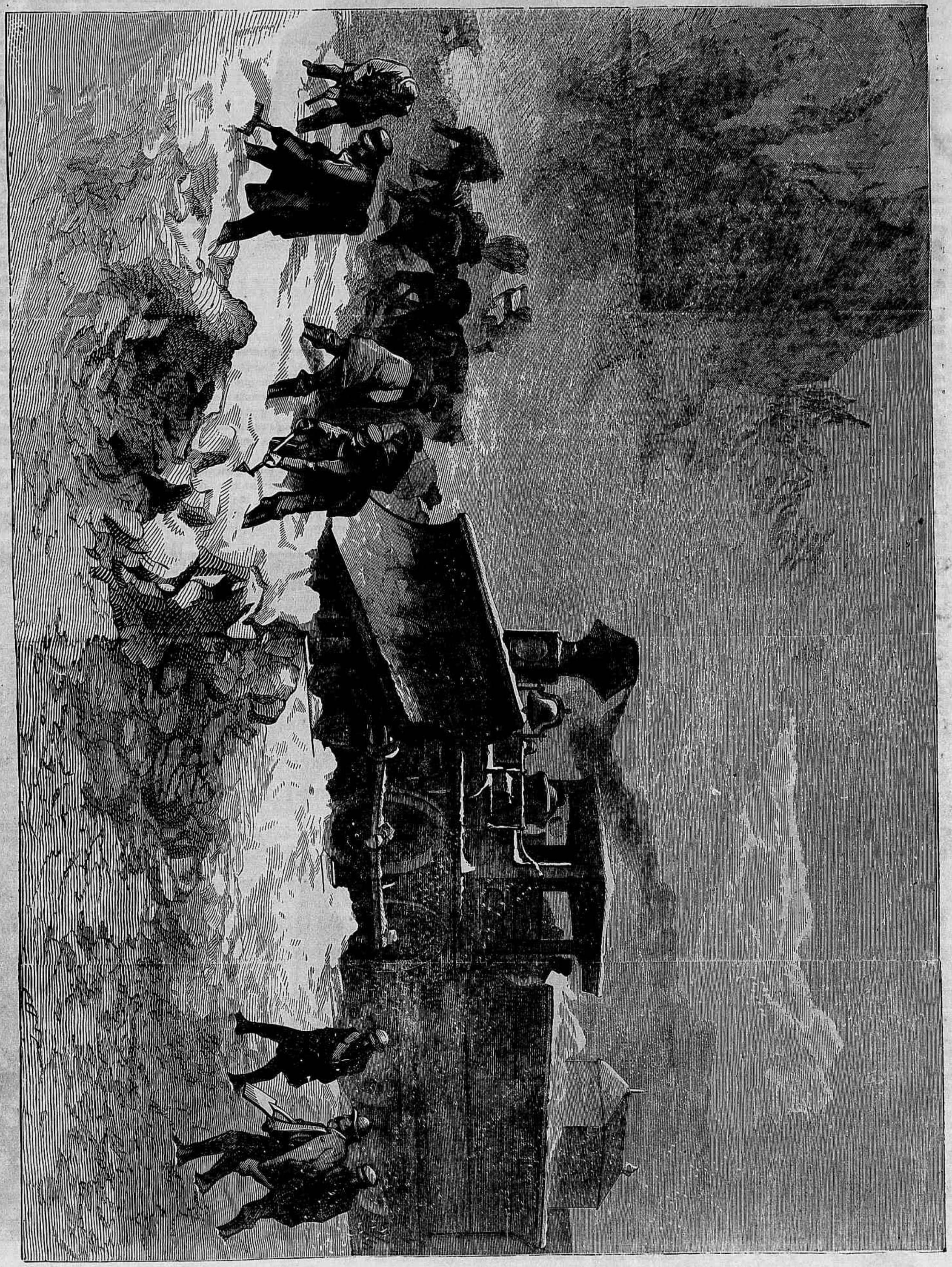
A maior seria difficuldade, porém, que Sarmiento tem achado, é a revolução de Entre Rios. Agora, justamente ao irmos para o prelo, chega-nos a noticia que as forças do estado, commandadas por Gelly y Obes e Ayala feriram um combate geral com as forças de Lopez Jordan, o chefe revolucionario, resultando em derrota completa das primeiras, o numero de mortos e feridos em ambos os lados subindo a 1,500. Alem disto, a Provincia de Corrientes revoltou-se contra o governo nacional e uniu-se aos rebeldes de Entre Rios, e crê-se que Sarmiento não tem forças bastantes para abafar a revolução, e que cada dia perde mais e mais em popularidade.

E' impossivel que haja uma administração sem revolução, nas republicas hespanholas. A falta de educação e a vangloria nem deixam os homens dali comprehender as responsabilidades da liberdade, nem lhes crêa nos corações principio algum de justiça e verdade a que façam obedecer os seus ciumes, e rivalidadesinhas. Não havendo principios em campo, não ha homem neste mundo que possa agradar aos outros homens: a carne, com todos os seus appetites, ha de fazer seu caminho mais cedo ou mais tarde, e disto é que ora está sendo victima o bom Sarmiento.

BLOQUEIO DE NEVE.

A nossa gravura desta pagina representa um bloqueio de neve na Estrada de ferro do Pacifico, durante uma grande tempestade. A neve cahe muito irregularmente, segundo o redomoinho do vento, o posto que ordinariamente aquelle arado de ferro que se vê na gravura, sobreposto á grade da locomotiva, seja bastante para sulcar pelo campo de neve e limpal-a dos trilhos, ás vezes o vento faz esta agglomeração tão alta (seis, oito e doze pés, e mais), que conductor, engenheiro, foguista, e todos os passageiros põem-se a campo e munidos das competentes pás de madeira, cavam a neve até uma profundidades consideravel, deixando o resto para o arado.

O leitor ha de cuidar que a companhia da Estrada de ferro mantém no inverno uma força de homens, especial para este serviço de padejar a neve para fóra dos trilhos, e que é uma imposição sobre os passageiros esperar-se que elles mesmos façam este servico. Mas não ha tal. Ninguem aqui se dedigna de prestar mãos a este trabalho. Manter homens para isto (e muitos seriam precisos) seria caro para os passageiros; deixar o serviço entregue só aos trez ou quatro empregados do trem, tomar-lhes-hia isto dias de serviço, e os passageiros teriam de se demorar correspondentemente. O melhor alvitre, pois, é o adoptado. Todos concorrem gostosos para um serviço que é para o bem de todos. Não é assim nos Estados do Sul, nem o seria aqui no Norte, se houvesse o preconceito que o negro é que deve fazer tada a casta de serviços.



EST. DE FERRO DO PACIFICO—BLOQUEIO DA NEVE.

EM GERAL.

A MAIOR parte das poucas folhas americanas, a quem remettemos o nosso primeiro numero, nos acolheram com expressões muito sympathicas e, ás vezes muito lisonjeiras. Entre essas folhas sejanos permittido citar *The N. Y. Tribune*, *The N. Y. Journal of Commerce*, o *Evening Post*, o *Commercial Advertiser*, *The Nation*, e *The Public Ledger*. Está visto que não temos tempo de procurar o que por ventura tenham dito outras sobre nós: em todo o caso, sentimo-nos gratos á imprensa americana pela animação que nos deu.

TOMAMOS a liberdade de traduzir aqui o que sobre nosso primeiro numero escreveu *The Nation*. Sendo este periodico considerado como o critico o mais auctorisado da imprensa deste paiz, é-nos escusado fugir á confissão que ficamos muito tocados com a sua apreciação dos nossos exforços, apreciação que, sem encher-nos de orgulho, só alentar-nos-ha para multiplical-os, no constante proposito de bem servir á causa da verdade. Diz a *Nation* no seu no. 279, pag. 298:

"Aos periodicos no Allemão, Francez Italiano e Hespanhol que ora se publicam nesta cidade temos de ajunctar presentemente uma folha mensal em Portuguez, O NOVO MUNDO. E' do tamanho do *Harper's Weekly*, que the supprin de quasi todas, sinão de todas as gravuras com que é illustrada e que a seu turno cada um reconhece como as mesmas originaes do *Graphic*. Percorrendo-se o seu conteúdo, porém, vê-se logo que o periodico não é recheado a troche-moche, mas antes tem uma variedade de materia original, que indica que os seus directores teem um objecto sério em vista. Este objecto, como o declara o redactor, o Sr. J. C. Rodrigues, é concorrer para chamar a attenção do Brazil e, até certo ponto, da America do Sul, para os negocios dos Estados Unidos, não dando-lhes as noticias do dia, mas discutindo os principios a politica e o progresso desta republica.

"Não é proposito do redactor americanisar o Brazil nem paiz algum: elle crê que todos os povos e raças teem um desenvolvimento seu proprio e que com a ajuda da Providencia podem galgar a mais exaltada perfeição. O NOVO MUNDO pugnará pela emancipação no Brazil, e realmente traz neste primeiro numero um artigo bem elaborado sobre o assumpto. Com este artigo veem outros sobre uma universidade para o Brazil, sobre a administração de Grant, sobre o equilibrio europeu, sobre Cuba e a Hespanha, sobre neutralidade, sobre a unidade alleman, sobre a infallibilidade; e ha uma miscellanea bem escolhida sobre os acontecimentos do dia e sobre e prosperidade material de ambos os continentes. A parte bibliographica contém verdadeiros modelos de critica litteraria. Ha tambem esboços biographicos de Uhrich, Trochu, Moltke e Bismarck, accompanhando os respectivos retratos; e mais particularmente do Sr. Magalhaens, que acaba de servir de ministro brazileiro em Washington, e do Sr. Henry T. Blow, nosso actual ministro no Brazil. Em summa, a julgar por esta amostra, é nossa opinião que O NOVO MUNDO é uma empreza muito respeitavel, na altura da edade e habilmente redigida. Folgaremos muito que ella possa concorrer em fazer levar por diante o ultimo projecto de Dom Pedro, de acabar com a escravidão, como a necessidade mais urgente do Imperio; e quanto a divulgar no Brazil ainda mais a relação dos productos do engenho e da invenção dos Americanos, não nutrimos duvida que ha de ser para isto um orgam valioso muito prestimo. Esta folha deve apparecer regularmente á sahida do paquete mensal, *via* S. Thomaz. O preço da assignatura é trez dollars por anno e o logar onde se assigna, é no No. 24, *Times* Building, New York."

A POPULAÇAO exacta das onze principaes cidades dos Estados Unidos é actualmente a seguinte: New York, 926,341; Philadelphia, 657,159; Brooklyn, 396,661; Chicago, 348,700; S. Luiz, 313,013; Baltimore, 276,599; Boston, 250,701; Cincinnati, 218,900; S. Francisco, 150,361; Washington, 109,338; Pittsburgo, 87,215. A razão do augmento da população de 1870 comparada com a de 1860, é esta: New York, 13.84; Philadelphia, 16.20; Brooklyn, 48.75; Chicago, 219.15; S. Luiz, 94.69; Baltimore, 30.21; Boston, 40,96; Cincinnati, 35.94; S. Francisco, 164.71; Washington, 78.88; Pittsburgo, 77.18.

ENTRE 1832 e 1869 o augmento da população das principaes cidades se tem operado na seguinte proporção: New York, 368 por cento; Berlim, 220; Liverpool, 174; Pariz, 118; Vienna, 107; Madrid, 105; Glascow, 99; Londres, 98; Napoles, 67; Constantinople e Moscow, 50; Manchester, 49; Lisboa, 45; S. Petersburgo, 37. E apezar desta comparação, New York não está satisfeita com os seus 926,341 habitantes, e são tantos os seus protestos contra a omissões no ultimo resenseamento que o Presidente acaba de ordenar que se faça um novo arrolamento.

TEM sido esta uma epocha de furacões, trovoadas, terremotos, apparição de meteoros e muitas outras revoluções na naturesa. Em ambos os grandes oceanos que banham a America teem occorrido desastres mui lamentaveis, que teem roubado á vida centenas de seres humanos. Nos proprios lagos da America do Norte vapores sobre vapores hão sossobrado com o sua carga inteira de humanidade. As Antilhas teem sido particularmente victimas nesta estação. A enchente, ou antes o diluvio que houve ali altimamente só encontra um rival em violencia, o que occorreu ha doze annos. De muitos furacões que teem varrido Cuba desde que foi descoberta, dizem que dous terços teem occorrido em Agosto, Septembro e Outubro. Estes furacões nas Antilhas (cousa bem curiosa) nunca se estendem até os polos. Entre os phenomenos do anno é preciso não esquecer a queda da geada e formação de gelo da espessura de uma pollegada, que occurreu ultimamente na Paraná, S. Paulo e Minas.

A BARCA sueca *Emma Sophia*, carga café, do Rio de Janeiro para New Orleans, nanfragou em Morant Key, Jamaica.

O GENIO francez havia naturalmente de inventar muitos meios grotescos de salvar o paiz. Entre elles podemos mencionar dous, muito curiosos. Um é a formação de um regimento de sujeitos, trajados todos de preto e que fazem o voto do mais estricto silencio. Todas as ordens são dadas por meio de signaes. Até agora a força só consiste de cincoenta homens, que usam ainda as Miniés. O seu estandarte consiste de um crâneo, e do seu chefe, que lhes tem pago todas as despezas, ninguem sabe, siquer, o nome. Outro é a formação de uma "commissão das senhoras da rua d'Arras," que adoptaram uma invenção do cidadão Allix, com que pretendem matar a todos os Prussos que virem a encontrar. A invenção consiste de uma capsula de barracha, do tamanho de um dedal, da qual se projecta um tubosinho muito delicado e cortante. A capsula é cheia de acido prussico. "Supponhamos" arengou o inventor em uma reunião das senhoras, "supponhamos que uma de vós se vê cercada de uma grande rodo de Prussos: só o que tenders de fazer é apertar a mão delles, e, eis, vereis logo em redor de vós um circulo de cadaveres apinhoados uns sobre outros." O peior para as senhoras e para o inventor é que, dizem as folhas, aquella reunião acabou em barulho e briga.

NEW YORK importa annualmente quatro mil e quinhentos contos de trapos. Avalie-se a quantidade immensa de trapos e papel usado que ha aqui já, e faça-se ideia da porção de papel que aqui se fabrica. Não admira. Só um numero do NOVO MUNDO, dobrado inteiro e posto um sobre outro forma uma columna de vinte e oito palmos de altura, e entretanto este periodico não é sinão um pontinho no jornalismo Americano.

ESTES são os despojos que cahiram em mão dos Prussos com a rendição de Metz: 53 aguias, 541 canhões, munições para mais de 85 batterias, 800 canhões de assedio, 66 metralhadoras, 300,000 mosquetas, arsenal de palvara, etc.

O CONDE d'Aquila, almirante honorario da marinha brazileira e cunhado do Imperador, deu cento e vinte contos para o allivio dos feridos francezes.

S. FRANCISCO, na California, falla tanto dos seus Chins. Elles não são muitos. Em uma população de 150,300, não passam de 12,017.

O CORREIO prusso da campanha despacha todos os dias cerca de 200,000 cartas para o exercito e recebe 40,000.

UM dos costumes menos limpos dos Americanos, é mastigar fumo. Só Richmond fabricou em 1869. 15,021,000 libras desse fumo proprio para se mastigar.

As escholas do domingo ou classes de Biblia são frequentadas neste paiz por seis milhões de discipulos.

A FACULDADE chamada *Yale College*, uma das mais celebres, foi fundada, ha 171 annos. O numero dos estudantes actualmente é 750.

SIR CHARLES T. BRIGHT está trabalhando no Cabo Atlantico, na Secção da Jamaica a Aspinwall.

O NOVO MUNDO
PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA IDADE

Escriptorio, no Edificio do New York Times

"O NOVO MUNDO" publica-se mensalmente em New York, á sahida do paquete regular da linha do Rio de Janeiro.

PROGRAMMA.—"O NOVO MUNDO" propõe-se em geral: A registrar rapida e concisamente, pela lettra e pelo desenho, as principaes evoluções da Era;

A expôr e a tractar mais ao comprido as mais importantes questões do dia, especialmente as que tocam aos interesses de ambas as Americas.

Mais de perto:

"O NOVO MUNDO" toma sobre si a missão de ministrar ao Brazil noticias circumstanciadas da vida, politica, moral, litteraria e industrial, dos Estados Unidos da America do Norte.

PREÇOS PARA O BRAZIL.—ASSIGNATURA por seis mezes, paga adiantada, 5$000.—Numero avulso, 1$000.

ANNUNCIOS—Uma inserção, typo á escolha do annunciante.

Quatro columnas....225$		Meia columna.....40$	
Trez columnas.....200$		¼ de columna.....22$	
Duas columnas.....150$		⅛ de columna.....10$	
Uma columna.....80$		1-16 de columna.....6$	

Abatimento em annuncios repetidos:

Por trez mezes—10 por cento; por 6 mezes, 20 por cento; por um anno, 30 por cento.

CORRESPONDENCIA.—"O NOVO MUNDO" prestará toda a possivel attenção a qualquer correspondencia que receber, sejam artigos, desenhos ou esboços sejam meras suggestões ou perguntas.

Todas as communicações devem ser dirigidas assim:

AO REDACTOR DO "NOVO MUNDO."
N. Y. Times Building,
P. O. Box 6001. NEW YORK.

ANNUNCIOS.

LIVROS NOVOS.

ACABA DE SAHIR Á LUZ A OBRA:

THE GEOLOGY AND PHYSICAL GEOGRAPHY OF BRAZIL.

By CH. FRED. HARTT, Professor of Geology in Cornell University. With 100 Illustrations and Maps, and a Full Index.

Esta obra é uma continuação do "Journey in Brazil" pelo Professor Agassiz e sua senhora. Comprehende os resultados scientificos de duas viagens do Professor Hartt, pela costa e pelo interior do Brazil. Trata da estructura geologica do paiz, seu clima, distribuição zoologica e mineralogica e mais recursos naturaes, e especialmente trata dos provincias costeiras.

Tambem se descrevem nella os recifes de coral, descobertos pelo auctor, alem de outras pedras, cuja formação tem sido até aqui um enigma para os viajantes naquelle grande paiz.

Esta obra é de summo interesse para homens de lettras, viajantes e negociantes, e cada estante de Brazileiro deve ser adornada com um exemplar della.

Forma 1 vol. in 8vo. de 620 pag. Preço, a varejo, nos Estados Unidos, *Cinco dollars*. As ordens do Brazil devem ser dirigidas aos Editores,

MESSRS. FIELDS, OSGOOD & CO.
Boston, Mass., U. S. A.

Acaba de sahir á luz e acha-se á venda nas principaes lojas de livros do Brazil, a

CHRESTOMATHIA
DA
LINGUA INGLEZA
SENDO

Uma selecta de 150 pedaços dos melhores Auctores inglezes, precedida de um Ensaio sobre a origem e o desenvolvimento da Lingua Ingleza e de sua Litteratura; e de cem esboços biographicos e criticos dos Auctores citados

POR J. C. RODRIGUES.

1 vol. de 430 pag. in 8vo. Fr., nitidamente impresso de chapas electrotypadas, e encadernado, — *Preço*, 5$000.

Sobre esta obra escreveu editorialmente o *Evening Post*, de New York, a 2 de Septembro ultimo:

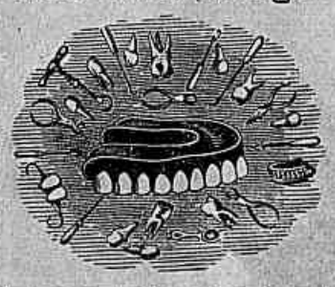
"An elementary reading book in the English language for the use of Portuguese students has just been issued from the press of A. S. Barnes & Co., of this city. It has been prepared by J. C. Rodrigues with equal discrimination and ability, and is designed chiefly for schools and colleges in Brazil. Mr. Rodrigues has shown in his selections a large acquaintance with English literature, both in the writings of English and American authors, and a more excellent manual could not be desired by the foreign student than this 'Chrestomathia da Lingua Ingleza,' which we trust will find a large circulation in all countries and colonies where Portuguese is spoken."

Os Srs. Livreiros, Directores de Collegio, etc. serão suppridos com a "CHRESTOMATHIA INGLEZA," sob um desconto liberal. Todas as ordens devem ser dirigidas aos Editores

MESSRS. A. S. BARNES & CO.,
111 & 113 WILLIAM STREET,
NEW YORK.

J. DA SILVA COSTA, LL. D.,
Attorney-at-Law,
74. RUA DO ROZARIO,
Rio de Janeiro.

SAMUEL S. WHITE,
FABRICANTE DE
Dentes Artificiaes
E DE
MATERIAES DE DENTISTAS.
DEPOSITOS:
767 & 769 Broadway, New York; 13 & 16 Tremont Row, Boston; Chestnut and 12th Sts., Philadelphia; 121 & 123 State Street, Chicago.



Este Estabelecimento é o maior deposito de objectos de Dentistas, que ha no mundo, e todos os dias está sendo augmentado com todos os melhoramentos e invenções que a pericia humana vai fazendo.

Os objectos fabricados nesta casa são superiores a quantos ha no mercado: é isto é o que prova superabundantemente o grande numero de medalhas e premios que ha recebido em Exposições.

Sollicitam-se ordens pagaveis a vista. Os generos são escolhidos com todo o escrupulo e despachados com toda a promptidão para qualquer parte do mundo.

Pilulas Catharticas de Ayer,

PARA TODOS OS CASAS DE UM REMEDIO DE FAMILIA.

E' rara a molestia que pode contender ou evadir-se á acção destas pilulas, quando dentro de sua esphera curativa. As suas virtudes penetram, limpam e dão tom a todas as partes do organismo humano, e lhes recobram a vitalidade, e o resultado destas qualidades é que o doente que anda curvado á dôr admira-se logo como um remedio tão simples como facil de tomar-se, lhe restitue tão depressa a fortaleza e energias.

Ellas não curam so males passageiros, mas ainda antigos, perigosos e arraigados. O nosso agente no Brazil distribue *gratis* o nosso Almanak Americano, onde se acham attestados de curas e instrucções sobre o seu uso em: *Dor de Cabeça*, *Constipação do ventre*, *Dor de Cabeça proveniente do estomago*, *Indigestão*, *Nauseas*, *Prisão de Ventre*, *Ventre inchado*, *Falta de Appetite*, *Yrtericia* e outros males da mesma casta, provenientes da inacção das funcções corporeas. As pilulas, são um excellente alterativo para renovarem o sangue e dar força as systhema, debilitado por molestia.

Xarope Peitoral de Cereja de Ayer,

PARA A PROMPTA CURA DE:

Resfriados, *Influenza*, *Constipação*, *Rouquidão*, *Croup*, *Bronchitis*, *Tisica em primeiro grau, e para o allivio da Tisica ja adiantada.*

Tão larga é a esphera de sua acção e tantos são os casos de suas curas, que por toda a parte abundam pessoas bem conheidas que, com este remedio, teem recobrado sa aude dos pulmões, que soffriam molestias serias e de que ás vezes desesperavam. Quem uma vez provou-o, vê logo quão superior é a todos os remedios do seu genero, e onde é conhecido, o publico não lança mão d'outro antidoto algum, senão elle, para a cura dos affecções pulmonares, tão communs no Brazil. As passo que uma multidão de remedios identicos teum sido abandonados, este adquire cada dia mais fama e mais amigos, pois as curas que vai operando nunca podem ser esquecidas,—tal é o seu caracter, e o seu numero.

Salsaparrilha de Ayer.

Para Limpar o Sangue,

PARA A PROMPTA CURA DE:

Escrofula e Affecções escrofulosas, taes como Tumores, Chagas, Postemas, Erupções cutaneas, Pimpolhos, Empolas, Bôlhas, Inchaços e mais molestias da Pelle.

E' notorio que o publico tem sido enganado com muitas *Salsaparrilhas* que promettem muito e fazem nada; com *esta*, porém, ninguem ficará desapontado. A sua efficacia tem sido provada exuberantemente e não resta agora duvida que é sem rival na cura de todas as molestias, a que é destinada. Tendo o mesmo nome, é, todavia, remedio muito diverso de todos os mais que teem sido apresentados ao publico até aqui.

Todas estas preparações são feitas pelo
DR. J. C. AYER & Compa.,
Chimicos Practicos e Analyticos,
Lowell, Mass., E. U. A. N.
A' venda em todas as Boticas.

W. R. CASSELS,
Rio de Janeiro,
AGENTE GERAL NO BRAZIL.

JAMES CONNER'S SONS'
U. S. Type & Electrotype Foundry
AND
PRINTERS' WAREHOUSE.

FUNDIÇÃO DE TYPOS E ELECTROTYPIA DOS ESTADOS UNIDOS.

DEPOSITO GERAL DE MATERIAES PARA
TYPOGRAPHOS.

Nos. 28, 30 e 32 Centre Street,
Esq. de Reade e de Duane Sts. NEW YORK.

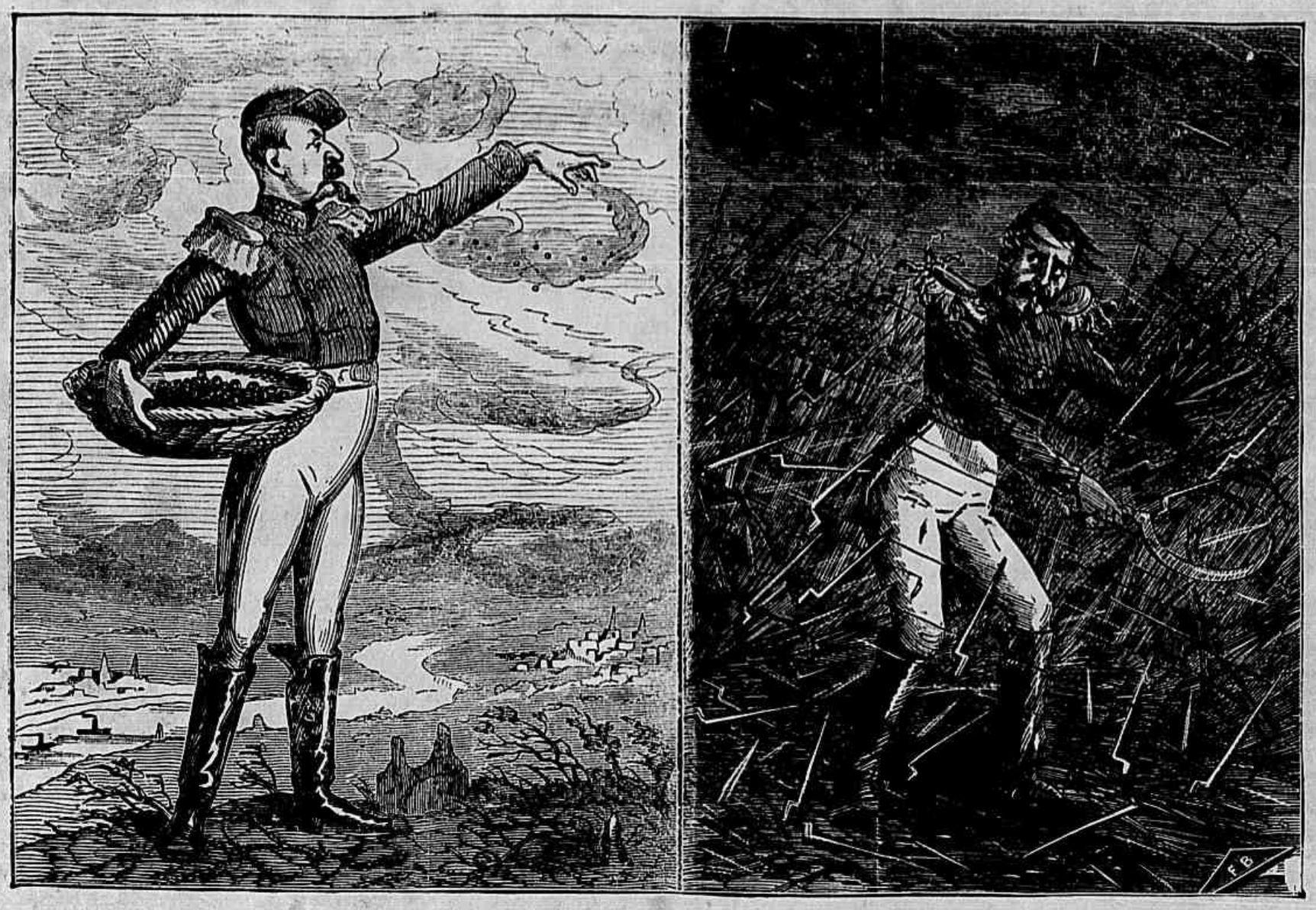
Grande sortimento de typos do muito conhecido METAL DURO DE CONNER, com
Accentos Portugueses e Hespanhoes
Encarregam-se de prover a uma
TYPOGRAPHIA COMPLETA.

NOSSO
CATALOGO ILLUSTRADO
DE
Materiaes para Escholas

Contém gravuras de
APPARELHOS,
PEDRAS, LIVROS,
Cartas, Diagrammas,
Globos, Mappas,
MOBILIA PARA ESCHOLAS,
OBJECTOS DE MATHEMATICA
E OUTROS PARA FACILITAR
O ENSINO NAS ESCHOLAS.
E bem assim outras
TODOS OS ARTIGOS PRECISOS NAS ESCHOLAS.

Este catalogo será remettido a quem o pedir e remetter uma estampilha de sello de 500 reis. Escrevam a

J. W. SCHERMERHORN & CO.,
Edictores e Fabricantes,
14 Bond Street, New York.
P. O. Box 3, 445.



A GUERRA—CADA QUAL COLHE SEGUNDO SEMEIA.

"O NOVO MUNDO."

"O NOVO MUNDO" (THE NEW WORLD) is an illustrated journal in the Portuguese language, published on the eve of the sailing of the regular monthly packets of the S. Thomas and Brazil line.

This paper furnishes the countries and the colonies where Portuguese and Spanish are spoken, a most thorough digest of the course of events, particularly the political and industrial progress of the United States, describing the peculiar features of American advancement and civilization, as embodied in the Government, and treating the topics of the day in elaborate articles, having in view the object of uniting more closely the existing bonds of a political, commercial and friendly character among the several countries of the Western hemisphere.

"O NOVO MUNDO" is an illustrated journal, depicting popular, historical, artistic and other subjects, connected with the events of the day, by engravings executed in the best style of modern art and is printed with the utmost typographical neatnes and skill.

The Editor of "O NOVO MUNDO," as a journalist in South America, and New York correspondent for the leading paper there, has acquired fitness to conduct a journal suited to the tastes of readers in Portuguese and Spanish America.

Business men desirous of introducing their manufactures to the prosperous countries of the South, will find "O NOVO MUNDO" a most desirable advertising medium. Besides announcing their wares, the Editor, without fulsomely praising, will briefly, thoroughly and truthfully describe them. On this account, only a few first-class advertisements will be inserted.

FOR RATE OF ADVERTISEMENTS, &c.
SEE LAST PAGE.

ADDRESS:
"O NOVO MUNDO."
24, TIMES BUILDING, N. Y.

ADAMS PRESS COMPANY,

53, Murray Street, NEW YORK.

"Cada qual pode ser seu mesmo Typographo."

Com um dos nossos prelos e com os materiaes que os accompanham, qualquer pessoa, qualquer menino de quatorze annos pode imprimir o que quizer, rapida e economicamente. A construcção dos prelos é muito simples: cada um é vendido com um folheto ensinando todos os particulares, de modo que qualquer pode imprimir perfeitamente sem previo conhecimento da arte. Mandaremos a quem os pedir, circulares, listas de preços, certificados, etc.; e a quem nos mandar uma estampilha de sello de 500 rs., enviaremos um livrinho de amostras de typos, linhas, bordões, adornos, etc.

No interior onde não ha typographias os nossos prelos fazem grandes serviços: nos Estados Unidos ha milhares de jornaes, circulares, contas correntes etc., impressos nelles.

Para os meninos é o melhor presente que os pais lhes podem fazer: elles divertem-se, instruem-se e *adquirem uma arte*, de que podem lançar mão no futuro.

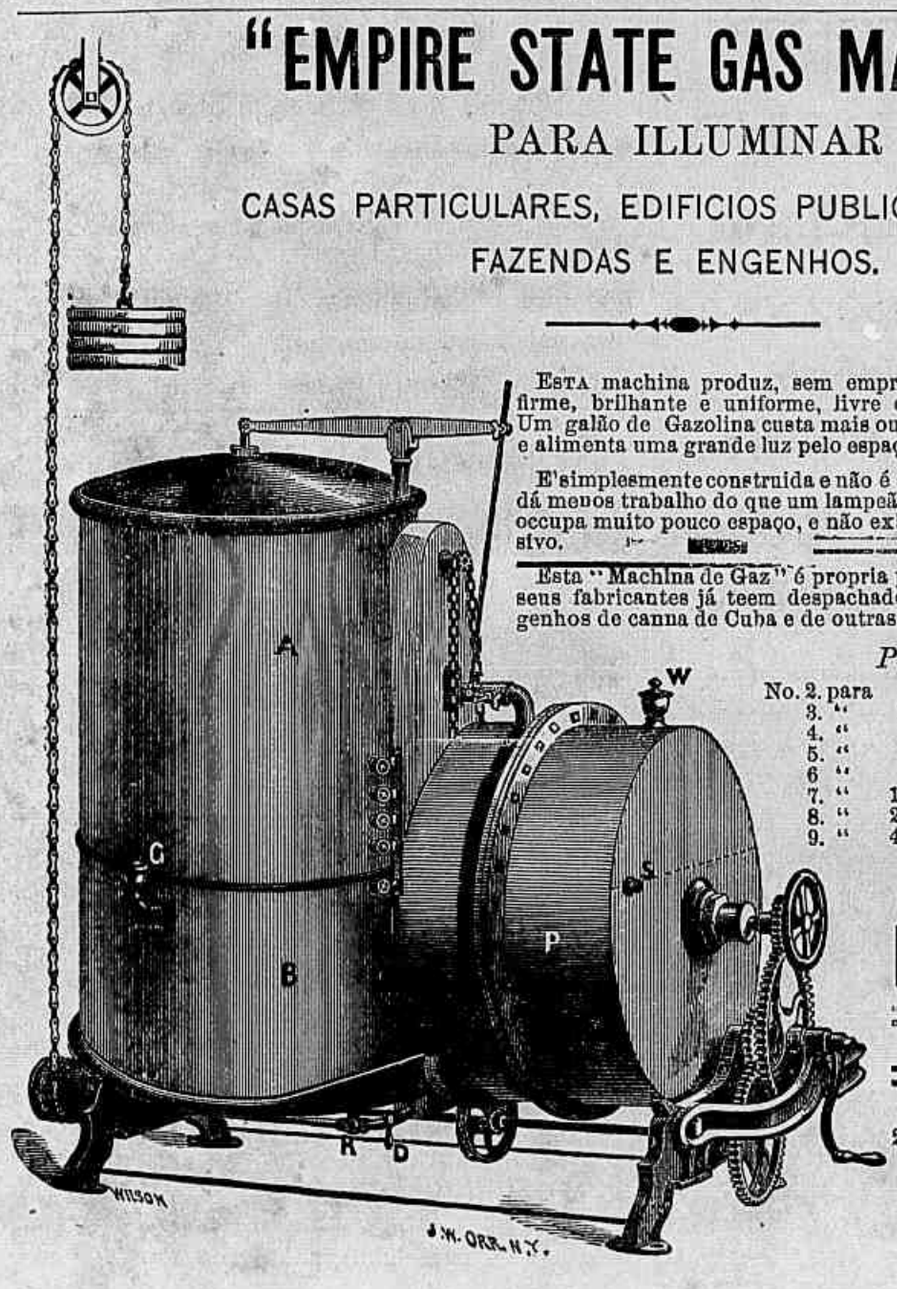
	Tamanho da forma.	Preço.
Prelo No. 1	6 poll-por 8 poll	60$000
Prelo No. 2	6 " por 8 "	70$000
Prelo No. 3	9 " por 11 "	125$000
Prelo No. 4	11 " por 15 "	180$000
Prelo No. 5	13 " por 19 "	250$000

☞ E' preciso notar que cada prelo é accompanhado de *tudo* o que é preciso n'uma pequena typographia:—está prompto para trabalhar immediatamente.
☞ O frete desses prelos para a America do Sul, nunca será mais de 10$000.

"EMPIRE STATE GAS MACHINE."

PARA ILLUMINAR

CASAS PARTICULARES, EDIFICIOS PUBLICOS, HOTEIS, FAZENDAS E ENGENHOS.



ESTA machina produz, sem emprego do calor, uma luz firme, brilhante e uniforme, livre de perigo e economica. Um galão de Gazolina custa mais ou menos quinhentos reis e alimenta uma grande luz pelo espaço de *quarenta horas.*

E' simplesmente construida e não é sujeita a desarranjar-se; dá menos trabalho do que um lampeão ordinario de kerosene; occupa muito pouco espaço, e não exhala cheiro algum offensivo.

Esta "Machina de Gaz" é propria para *climas quentes* e os seus fabricantes já teem despachado muitas dellas para Engenhos de canna de Cuba e de outras das Antilhas.

PREÇOS.

No. 2. para	10	queimadores..	$250.00
3. "	15	" ..	300.00
4. "	30	" ..	375.00
5. "	50	" ..	450.00
6 "	76	" ..	550.00
7. "	125	" ..	700.00
8. "	200	" ..	850.00
9. "	406	" ..	1600.00

NASH & CATE,

AGENTES GERAES,

29 Cortlandt St.,

NEW YORK.

Primeiro Premio Conferido Pelo Instituto Americano,

A 5 DE NOV. 1870.

1858. *ασβεστος* 1870.

H. W. JOHNS,

78 WILLIAM STREET, NEW YORK,

FABRICANTE DE

COBERTA E MASSA DE ASBESTOS PARA FÓRROS E TECTOS, PINTURA PRESERVATIVA, CIMENTO DE ASBESTOS,

VERNIZ NEGRO, COMPOSIÇÕES ACIDAS E IMPERMEAVEIS Á AGUA,

E TODA A CASTA DE MATERIAES PARA FÓRROS E TECTOS.

O QUE É ASBESTOS?—E' um mineral, do qual o AMIANTO é a especie mais conhecida, e que consiste em silicato de magnesia e de ferro. A sua estructura é fibrosa, e flexivel, a ponto de se poder tecer. Entretanto é incombustivel, e é por isso que os antigos o empregavam em tumulos para conservarem os corpos do perigo de incendio.

Occorreu-nos que esta substancia, combinada com outras, viscosas ou oleoginosas, havia de ser excellente para conservar pannos, madeiras e metaes, e para fórros ou tectos. Tentámol-o e fomos perfeitamente bem succedidos.

Ha treze annos começamos a fabricar varias preparações com ASBESTOS e durante esse tempo o nosso negocio tem sempre, augmentado de 33 a 50 por cento, em cada anno e hoje somos os fabricantes em maior escala que ha, ou aqui ou na Europa. Eis alguns de nossos productos:

FORROS DE ASBESTOS.

Faça-se ideia de uma peça de canhamaço grosso, de uma vara de largura, todo saturado e revestido de uma composição elastica e impermeavel á agua e forrado de um dos lados de papel *manilha* para impedil-o que se grude no enrolar; e, depois de estendido e prégado como tecto (ou telhado) coberto de uma camada de ASBESTOS, segundo as instrucções claras que damos, e formando uma face lisa e dura como pedra, e que se possa pintar como se queira; taes são os nossos *Forros de Asbestos.* Elles nunca se encolhem; não são permeaveis a agua, nem podem pegar fogo. São feitos de modo que tanto servem para *tectos chatos,* como para os de *cumieiras.* São *frescos* e proprios para os climas tropicaes e *economicos*, pois o SEU PREÇO É MENOS DA METADE DO DA FOLHA DE FLANDRES, OU DO ZINCO. Para toldas de navios e barcos e botes; para cobertas de carros e diligencias, e pontes, não ha melhor preparação do que esta.

MASSA DE ASBESTOS.

Esta Massa não é um cimento, ou pasta, ou composição mastica ou plastica: é um revestimento de Asbestos moído, combinado com gommas preciosas, azeite e substancias resinosas, e alcatrão mineral e vegetal, tudo devidamente distillado e utilisado, depois de extrahido delle o principo antisecante,—os acidos e o azeite morto. Esta MASSA parece a uma tinta muito grossa e é applicada com o pincel. AS PAREDES HUMIDAS devem ser revestidas de uma de mão desta Massa, e logo a humidade não transparecerá mais. Nos FÓRROS ou tectos impedirá da mesma fórma a humidade. Fabricamos esta Massa de trez espessuras diversas.

O No. 1 é proprio para preservar forros de madeira ou de zinco, e para paredes expostas ás chuvas. Um galão é bastante para cobrir 300 palmos quadrados.

O No. 2 é proprio para tapar os buracos nos tectos, as rachas da madeira e para fórros velhos.

O No. 3 é especialmente proprio para cobrir inteiramente os forros velhos, e um galão chegará para um espaço de dez braças quadradas.

PINTURA PRESERVATIVA.

Compõe-se de substancias resinosas e de gommas com alcatrão distillado e os melhores secantes que se conhecem. Não tem mineral nem pigmento algum e está já preparada para uso. E' da consistencia das tinctas de oleo, mas custa muito menos e é mais elastica e dura mais, do que ellas.

A PINTURA PRESERVATIVA é a melhor cousa que ha para se pintar grades de ferro e de madeira, cercas e cercados, caixões, portas de rua e de cocheira; estrebarias; regadores, carretões e objectos da chacara e de fazenda. Nos objectos de ferro impede a ferrugem, e nos de madeira, fal-os impenetraveis á agua e impede-lhes a podridão. Alem disso protege a madeira e o ferro do corrosivo da agua salgada e é excellente para os CASCOS DE BOTES, CANOAS, etc. Vende-se-a em barris de 5, 10 e 15 galões.

O VERNIZ NEGRO

tem as mesmas qualidades da PINTURA PRESERVATIVA, mas é mais especial para objectos mais delicados, como ferramentas, carretas, etc. O seu lustre é lindo.

ALEM DESTAS PREPARAÇÕES, FABRICAMOS FELTROS, OLEOS, TINCTAS, PITCH, ASBESTOS EM PÓ E DE QUALQUER FORMA; E VENDEMOS TUDO QUANTO É NECESSARIO Á FORROS DE CASAS, DE NAVIOS, DE CONDUÇÕES PUBLICAS, etc.

Os donos de casa são respeitosamente convidados a irem examinar nossos generos ao armazem dos Srs.

ALVES & VIEIRA,

185, RUA DA QUINTANDA, RIO DE JANEIRO.

H. W. JOHNS,
UNICO FABRICANTE,
78 WILLIAM STREET, NEW YORK.

O NOVO MUNDO.

(From "The Nation," New York.)

(*The Nation* stands on the intellectual level of the best European periodicals.—*London Saturday Review.*
I regard *The Nation* as the best journal in America, and not only so, but better, on the whole, than any in England.—*Prof. Goldwin Smith.*
For *The Nation's* opinion on all subjects we entertain a very high respect.—*N. Y. Times.*)

"To the German, French, Itálian, and Spanish periodicals which are already published in this city must now be added a Portuguese monthly newspaper, O NOVO MUNDO. It is of the size of *Harper's Weekly*, which has also supplied it with most, if not all, of its illustrations, and these will again be recognized as having originally appeared in *The Graphic*. When we look at the contents, however, there is visible an absence of padding and a variety of original matter which indicate an earnest purpose in the conductors. This is stated by the editor, Mr. J. C. Rodrigues, to be to help fix the attention of Brazil and, to a certain extent, South America on the affairs of the United States, not by furnishing current news but by discussing the principles, policy, and progress of this republic. He does not aim to americanize Brazil or any other country, believing that each people and each race has a development of its own, and under Providence may reach the perfection of the highest. O NOVO MUNDO will advocate emancipation in Brazil, and in fact has an able article on the subject in this its first number, along with others on a university in Brazil, on Grant's administration, the European balance of power, on Cuba and Spain, on neutrality, on German unity, on infallibility; and there is a well-selected miscellany on the events of the day, and relating to the prosperity of both continents. The book notices are genuine specimens of criticism; there are biographical sketches of Uhrich, Trochu, Moltke, and Bismarck, whose portraits are given; and more particularly of Sr. de Magalhaens, lately Minister of Brazil at Washington, and of Hon. Henry T. Blow, our actual Minister to Brazil; and altogether we must pronounce O NOVO MUNDO from this sample a very respectable enterprise, abreast of the times, and ably edited. We shall be glad if it can assist in giving strength to Dom Pedro's latest purpose to begin the abolition of slavery as the first deed of the empire. That it will be a valuable medium for spreading still further knowledge in Brazil of the products of American invention and skill, already so popular there, we have no doubt. It will regularly appear on the eve of the sailing of the monthly packets *via* St. Thomas. Three dollars is the subscription price, and the place of publication, 24, *Times* Building, New York."

TERMS FOR THE UNITED STATES:

SUBSCRIPTION—$3.00, PER ANNUM IN ADVANCE.
ADVERTISING RATES.—Per one square, 4½x5, with or without display, one insertion, $50.00.
☞ The most liberal inducements to advertisers for three, six and twelve months.

Address:

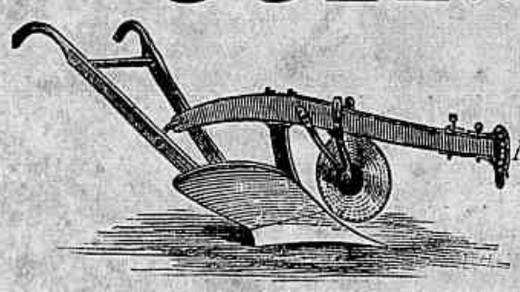
"O NOVO MUNDO,"
24, TIMES BUILDING,
NEW YORK.

P. O. Box 6,001.

ESTABELECIMENTO DE GRAVURA,
—DE—
EDWARD SEARS
48 BEEKMAN STREET,
NEW YORK.

W. R. CASSELS,
Commission Merchant,
Rio de Janeiro.

COLLINS & CO.



"HARTFORD"
FABRICANTES DE FERRAGENS E ARADOS
MAXADOS, MAXETES, MAXADINHAS,
PICARETAS, FOUCES, ENXADAS, &
ARADOS DE AÇO FUNDIDO.

ESTA casa, assaz conhecida em todo o Norte do Brazil, com que tem mantido um extenso negocio, despachará promptamente quaesquer ordens que lhe vierem da America do Sul, e distribuirá catalogos com preços aos que os pedirem.

Os nossos Arados são fabricados de aço fundido, por um processo especial e difficil, e com melhor aptidão para penetrarem no sólo mais duro.

Dirijam—se a

COLLINS & CO.
212, Water Street,
NEW YORK.
(*Fabrica em Hartford, Connecticut.*)

"Oleo Astral,"
CASA DE OLEOS DE
CHS. PRATT,
108, Fulton St., New York.

J. P. DE SOUZA MEYRELLES,
CORRECTOR,
1, Rua da Alfandega,
RIO DE JANEIRO,

"American Clock Co."
ESTA COMPANHIA SERVE DE AGENCIA PARA

E. N. WELCH MFG. CO., NEW HAVEN CLOCK CO., SETH THOMAS CLOCK CO., & GILBERT MFG. CO.
E
NEGOCIA EM TODAS AS ESPECIES DE
RELOGIOS AMERICANOS.
Distribuem-se catalogos e dão-se os preços dos generos a quem os pedir.
3, CORTLANDT St., NEW YORK.

OS CELEBRES RELOGIOS DE imitação de OURO, do metal "Collins" (Oroide melhorada), teem sido sugeitos a tantos exames e provas nos quatro annos passados, e teem adquirido tanta fama por serem imitação perfeita de Relogios de ouro, e por regularem sem discrepancia de um minuto, que não precisamos mais recommendal-os ao publico. Preços:—Relogios de Alavanca eguaes em tudo aos de ouro de preço de 300$000, custam so, 30$000. Os melhor acabados, eguaes aos de 400$, só 40$. Estamos tambem fabricando agora uma marca superfina, com todas as joias precisas e com escapamento de ancora, egual aos de 500$ e que venderemos por 50$000. Todos os relogios são garantidos por um attestado especial, e são em caixas lindas, do tamanho de religios de homens e de senhoras. Tambem, correntes de metal "Collins" por de 4$ a 16$ e joalharia, perfeita imitação de ouro.

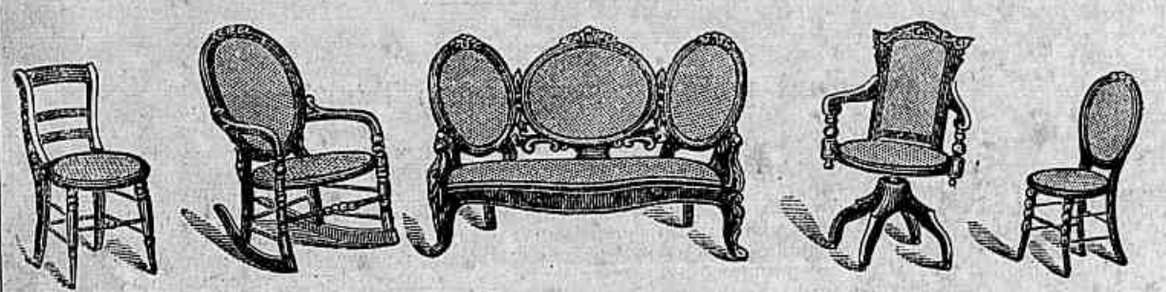
"O metal Collins é a melhor imitação de ouro que temos visto."—*N. Y. Tribune.*

A quem comprar seis relogios de uma vez, far-se-ha um abatimento da 20 por cento dos preços acima.

Os preços são em circulação dos Estados Unidos.

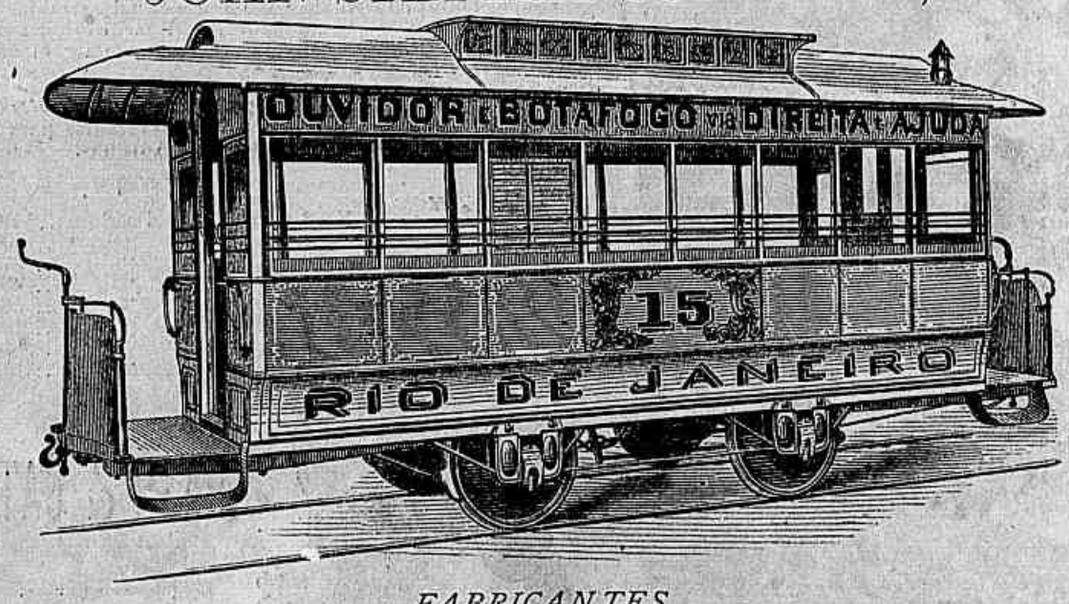
C. E. COLLINS & CO.,
335 Broadway, New York.

HALE & COMPANY,



303 Pearl Street, New York, U. S. A.
FABRICANTES E NEGOCIANTES, POR ATACADO,
DE CADEIRAS DE MADEIRA E PALHINHA.
OS RECURSOS DE QUE DISPOMOS PARA FABRICAR CADEIRAS SÃO AMPLOS E
Desafiam a Qualquer Outro Competidor.
Fazemos os nossos generos de todos os modelos e riscos e em nosso armazem se acha sempre á mão, encaixotadas e promptas para serem embarcadas, o
Maior Sortimento de Cadeiras que se pode encontrar nos Estados Unidos.
Vendendo em Boston tão extensamente como o fazemos em New York, despacharemos os generos de qualquer dos portos, a contento dos compradores, ou do porto onde pudermos obter-lhe frete mais barato.
AGRADECIDOS PELOS FAVORES COM QUE O PUBLICO DA AMERICA DO SUL NOS TEM HONRADO, CONTINUAMOS A SOLLICITAR O SEU PATROCINIO.
☞ LISTAS DE PREÇOS SERÃO REMETTIDAS A QUEM AS PEDIR. ☜
N. B. Todas as encommendas que nos vierem por intermedio de casas de commissão nos Estados Unidos, serão despachadas com toda a ponctualidade e de um modo inteiramente satisfactorio.
Escrevam a
HALE & CO., 304 Pearl Street, New York.

JOHN STEPHENSON & CO.,



FABRICANTES,
47, EAST 27 STREET, NEW YORK.
ESTE estabelecimento com uma longa experiencia de quarenta annos, e um commercio extenso, dispõe de todos os meios para construir *Street-cars*, ou carros para carris de ferro, e omnibus ou diligencias, combinando elegancia, com durabilidade. Todas os ordens serão despachados com toda a promptidão.

James Sutton & Co., Printers, 23 Liberty Street, New York.